

A ^{30/8} **Liahona** ^{agosto} 1977





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout
José G. F. da Silva, Expedição

NOSSA CAPA:

Fotografia do Presidente e Irmã Kimball, utilizada com permissão do "Church News".

A ^{30/8} ^{agosto} 1977 Liahona

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

- 1 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: OS FALSOS DEUSES A QUEM ADORAMOS
Spencer W. Kimball
- 5 UM NOVO MANDAMENTO
Bruce R. McConkie
- 9 A VIZINHANÇA É ENRIQUECIDA PELO PROFETA
Gerry Avant
- 11 EM BUSCA DA TRILHA DE LÊHI (Parte 2): A Jornada
Lynn M. e Hope A. Hilton
- 34 APASCENTAR SUAS OVELHAS
Theo E. McKean
- 35 COMO UTILIZAR O PRINCÍPIO DA PERCEPÇÃO DENTRO DO ENSINO
Élder Boyd K. Packer

SEÇÃO DA JUVENTUDE:

- 31 O JOGO DA VIDA
Élder Paul H. Dunn
- SEÇÃO DAS CRIANÇAS:
- 17 O HOMEM QUE MORAVA DEBAIXO DA TERRA
Shirley Lee
- 20 O AMOR DE UM PROFETA A SEUS PAIS
Susan Arrington Madsen

- 23 AMON
Mabel Jones Gabbott
- 24 SÓ PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS:

- 38 PERFIL DE UM LÍDER — PRESIDENTE DARCI COELHO DOMINGUES CORREIA
Maria Antonia Brown
- 40 ESTACA SÃO PAULO REALIZA SUA 44.ª CONFERÊNCIA TRIMESTRAL FIRMES, MARCHAI! — UMA PREPARAÇÃO NECESSÁRIA

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubuí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Os Falsos Deuses a Quem Adoramos

Presidente Spencer W. Kimball

Tenho ouvido dizer que um dos sentidos humanos mais chegados à memória é o olfato. Se tal assertiva for verdadeira, talvez explique os muitos sentimentos agradáveis que de mim se apossam nestas manhãs, quando passeio nos arredores de casa, por alguns momentos, e respiro os aromas cálidos e reconfortantes, os quais aprendi a associar através dos anos com o solo e a vegetação deste bom planeta em que vivemos.

De vez em quando, ao surgir a ocasião propícia, algum odor em particular, pode ser apenas a grama verde, ou o cheiro da hortelã trazido de longe pela brisa, leva-me de volta aos dias de minha juventude, no estado do Arizona. Era um território árido, muito embora frutífero sob as mãos de trabalhadores determinados.

Trabalhávamos a terra e cuidávamos do gado sob todo o tipo de condições atmosféricas, e quando viajávamos, era a cavalo ou em carroções abertos ou carruagens, na maior parte do tempo. Eu costumava correr como o vento, juntamente com meus irmãos e irmãs, pelos pomares, pelos caminhos poeirentos, através dos milharais, das plantações de tomates vermelhos, cebolas e abóboras. Graças a esse fato, suponho seja natural pensarmos que naqueles dias estávamos mais próximos da vida elementar.

Há algum tempo atrás, tive oportunidade de passear pelos arredores de casa, no momento em que nuvens grandes e negras de uma tempestade de tarde se aglomeravam e, ao caírem cada vez mais rapidamente as grossas gotas de chuva sobre o chão poeirento, lembrei-me das tardes ocasionais de verão, quando

ainda era menino, e os trovões assustadores espocavam sobre as montanhas e traziam a chuva bem-vinda que irrigava o solo sedento do vale. Nós, crianças, corríamos para o celeiro, e enquanto os relâmpagos dançavam à nossa volta, sentávamos e olhávamos, paralisados, maravilhados com a força cada vez maior da chuva que caía. Depois de passada a chuva, o ar estava limpo, fresco e cheio dos agradáveis aromas do solo, do doce cheiro das árvores e plantas do jardim.

Havia tardes, há muitos anos atrás, durante o ocaso, em que eu caminhava, tangendo as vacas. Parando ao lado de um velho moirão de cerca, desgastado pelos anos, eu às vezes ficava ali na luz suave e esmaecida, sentindo a fragrância dos girassóis, e perguntava-me a mim mesmo: “Se tivesse de criar um mundo, ao que seria ele semelhante?” Hoje, após pensar um pouco, a resposta parece-me natural: “Igualzinho a este em que habitamos.”

Assim sendo, naquele dia em que estava observando a tempestade que se aproximava, senti — e sinto também agora — que esta terra em que nos encontramos é maravilhosa.

Entretanto, nesta hora de tão agradáveis recordações, outra imagem perturba meus pensamentos. As nuvens escuras e ameaçadoras, que pendiam tão baixas sobre o vale, parece que forçaram meus pensamentos de volta a um tema com o qual as Autoridades Gerais se vêm preocupando há muitos anos — na verdade um tema que freqüentemente preocupou e chamou a atenção dos profetas escolhidos do Senhor desde que o mundo começou. Falo do estado geral de



“Nossa designação é positiva: esquecer e abandonar as coisas do mundo como metas entre si mesmas; abandonar a idolatria e apegar-nos firmemente à fé; levar o Evangelho aos nossos inimigos, para que eles não mais sejam nossos inimigos.”

iniquidade no qual encontramos o mundo nestes dias perigosos, ainda que históricos; e, pensando nisso, lembro-me do princípio geral de que onde muito se dá, muito se exige. (Ver Lucas 12: 48.)

O Senhor deu-nos um mundo escolhido, e espera, exige retidão e obediência a seus mandamentos como retribuição. Mas, ao examinar o desempenho do povo da terra em comparação com o que deles se espera, fico horrorizado e com temor. A iniquidade campeia por aí. O Destruidor parece estar tirando toda a vantagem possível do tempo que lhe resta neste grande dia de seu poder. O mal parece que nos irá engolfar como uma grande onda, e sentimos estar verdadeiramente vivendo em condições semelhantes às encontradas nos dias de Noé antes do dilúvio.

Tenho viajado muito, cumprindo várias designações através dos anos e, ao passar pela maravilhosa paisagem que se avista ao viajarmos por terra, ou voar sobre os vastos e belos continentes de nosso globo, comparo essas belezas a muitas das sombrias e miseráveis práticas dos homens, e sinto que este bom planeta tem dificuldade para suportar sua presença sobre ele. Lembro-me de que certa vez Enoque escutou a terra lamentar-se, dizendo: “. . .Ai! Ai de mim, a mãe dos homens; estou aflita, estou fatigada por causa da maldade de meus filhos. Quando descansarei e ficarei limpa da impureza que saiu de mim? . . .” (Moisés 7: 48.)

As Autoridades Gerais constantemente clamam contra o que é intolerável à vista do Senhor; contra a poluição da mente, corpo e de tudo o que nos circunda; contra a vulgaridade, a pilhagem, a mentira, o orgulho e a blasfêmia; contra a fornicação, o adultério, a homossexualidade e todos os abusos do poder sagrado de criar; contra o assassinato e tudo o que se lhe assemelha; contra toda a sorte de profanações.

Que tal clamor seja necessário entre um povo tão abençoado, deixa-me estupefato. E que tais coisas sejam encontradas mesmo entre os santos, em certo grau, é difícil de acreditar, pois que são um povo que possui muitos dons do Espírito, que tem conhecimento suficiente para lhe permitir vislumbrar a perspectiva da eternidade, a quem foi mostrado o caminho da vida eterna.

Todavia, tristemente descobrimos que ter aprendido o caminho não significa, necessariamente, que andemos por ele, que o percorramos, e muitos não foram capazes de continuar na fé. Esses, de alguma forma ou outra, submeteram-se aos ardis de Satanás e seus servos, e mesclaram-se àqueles “do mundo”, vivendo em idolatria cada vez mais profunda.

Uso o termo idolatria de modo intencional. Ao estudar a antiga Escritura, mais e mais me convenço de que há uma razão para que o preceito “Não terás outros deuses diante de mim” seja o primeiro dos Dez Mandamentos.

Poucos homens, na verdade, escolheram deliberadamente e com conhecimento de causa, rejeitar a Deus e suas bênçãos. Aprendemos nas Escrituras, porém, que por causa do exercício da fé parecer sempre mais difícil, os homens tendem a confiar nas coisas mais ao alcance da mão, e assim sendo, o homem carnal,

natural sempre tem a tendência de transferir sua confiança em Deus para as coisas materiais.

Portanto, em todas as eras, sempre que homens caíram sob o poder de Satanás e perderam a fé, foi porque colocaram a fé e confiança no “braço da carne” (DeC 1:19), e nos “deuses de prata, de ouro, de cobre, de ferro, de madeira e de pedra, que não vêem, não ouvem, nem sabem. . .” (Daniel 5:23), ou seja, nos ídolos. Descobri que este é um tema dominante no Antigo Testamento. Qualquer coisa em que um homem deposite seu coração e sua confiança é seu deus; e se acontecer que tal deus não seja o verdadeiro Deus vivente de Israel, tal homem obra em idolatria.

É minha firme crença que, se lermos as Escrituras e tentarmos aplicá-las a nós mesmos (ver 1 Néfi 19:24), como sugere Néfi, encontraremos muitos paralelos entre a antiga adoração de imagens esculpidas e os padrões de comportamento que vemos a cada dia.

O Senhor tem-nos abençoado, como povo, com prosperidade inigualável, comparado aos que viveram no passado. Os recursos colocados à nossa disposição são bons e necessários para que façamos nosso trabalho aqui na terra. Temo, porém, que muitos de nós que fomos abençoados com rebanhos, gado, extensões de terra, fazendas e riquezas, tenhamos começado a adorá-los como falsos deuses, que agora têm poder sobre nós. Será que temos mais dessas boas coisas que nossa fé é capaz de suportar? Muitas pessoas passam a maior parte de seu tempo trabalhando a serviço de sua própria imagem, que inclui dinheiro suficiente, ações, contratos, carteiras de investimento, propriedades, cartões de crédito, mobílias, automóveis, coisas essas que garantam segurança carnal durante a vida que essas pessoas esperam, seja longa e feliz. Esquecem-se do fato de que nossa designação é usar esses muitos recursos em nossas famílias e quoruns a fim de edificar o reino de Deus — para aumentar o trabalho missionário e a obra genealógica e do templo; para criar nossos filhos como servos frutíferos do Senhor; para abençoar os outros de todas as formas, para que também sejam fecundos e frutíferos. Mas, em vez disso, despendemos tais bênçãos em nossos próprios desejos, e, como disse Morôni: “Por que vos adornais com aquilo que não tem vida, enquanto permitis, sem fazer caso, que passem por vós os esfomeados, os necessitados, os desnudos, os enfermos e os aflitos?” (Mórmon 8: 39.)

O Senhor disse, em nossos dias: “Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo, e cuja substância é a de um ídolo, que envelhece e perecerá em Babilônia, mesmo a grande Babilônia que cairá.” (DeC 1:16.)

Conheço certo homem que foi chamado a servir na Igreja, e sentiu que não poderia aceitar, porque seus investimentos requeriam mais atenção e mais de seu tempo do que poderia dedicar ao Senhor e sua obra. Ele abandonou o serviço do Senhor, e buscou a Mamona, e hoje é milionário.

Aprendi recentemente um fato interessante: Se um homem possuir um milhão de dólares aos preços atuais do ouro, possuirá, aproximadamente só um vigé-

simo-sétimo bilionésimo de todo o ouro existente na fina crosta terrestre. Esta é uma quantia tão pequena, tão ínfima em proporção, que se torna inconcebível à mente humana. Mas há mais que isto: O Senhor que criou e tem poder sobre toda a terra, criou muitas outras terras semelhantes, mesmo “mundos sem número” (Moisés 1:33); e quando este homem recebe o juramento e convênio do Sacerdócio (DeC 84:33-44), recebe uma promessa do Senhor de “tudo o que meu Pai possui” (v. 38). Colocar de lado todas essas grandes promessas por causa de um punhado de ouro e uma sensação de segurança carnal, é um erro de colossais proporções. Pensar que alguém se esforçou tanto por tão pouco, é uma perspectiva lamentável e entristecedora, na verdade; as almas dos homens são bem mais preciosas que isso.

Certo jovem, ao ser chamado para servir em missão, respondeu que não possuía muito talento para esse tipo de trabalho. O que ele sabia fazer muito bem era manter seu possante automóvel novo em ótimas condições de desempenho. Ele gostava do poder e aceleração proporcionados pelo carro, e, enquanto dirigia, o movimento contínuo da deslocação dava-lhe a ilusão de que estava realmente conseguindo algo.

Durante todo o tempo, seu pai contentava-se em dizer: “Ele gosta de trabalhar com as mãos. Isso é muito bom para ele.”

Muito bom para um filho de Deus? Este jovem não compreendia que o poder de seu automóvel é infinitesimalmente menor que o poder do mar, ou do sol; e que há muitos sóis, todos controlados pela lei e pelo Sacerdócio, na verdade, um Sacerdócio que ele poderia ter desenvolvido no serviço do Senhor. O jovem contentou-se com um deus lamentável, misto de aço, boi-racha e cromo brilhante.

Um casal idoso retirou-se do mundo profissional e também, com efeito, da Igreja. Compraram um “trailer”, material de acampamento e, desligando-se de todas as obrigações, partiram para ver o mundo e simplesmente gozar o pouco que haviam acumulado, durante o resto de seus dias. Não havia tempo para irem ao templo, estavam muito ocupados para fazerem pesquisa genealógica e obra missionária. Ele perdeu o contacto com seu quorum de sumos sacerdotes, e não estava em casa o tempo suficiente para trabalhar em sua história pessoal. A experiência e liderança do casal eram muito necessárias em seu ramo, mas incapazes de “perseverar até o fim” (DeC 14:7), não estavam disponíveis.

Lembro-me de um artigo que li há alguns anos atrás, a respeito de um grupo de homens que havia ido a uma floresta, a fim de caçar macacos. Tentaram várias maneiras de capturá-los, inclusive redes. Porém, vendo que as redes poderiam machucar os pequenos animais, chegaram, finalmente, a uma solução engenhosa. Construíram várias caixas pequenas, em cujo topo havia um buraco suficientemente grande para que um macaco enfiasse sua mão. Em seguida, colocaram as caixas sob árvores e, em cada uma, depositaram uma castanha, fruta que os macacos apreciam particularmente.

Quando os homens saíram, os macacos começaram a descer das árvores e a examinar as caixas. Des-

cobrando que havia castanhas ali, enfiaram a mão a fim de apanhá-las. Mas, quando um macaco tentava tirar sua mão com a castanha, não podia fazê-lo, porque o pequeno punho fechado, juntamente com a castanha eram grandes demais para passar pelo buraco.

Nessa hora, os homens, até então escondidos nas folhagens e moitas, apareceram e cercaram os macacos. E aqui aconteceu uma coisa curiosa: ao verem os homens chegar, os macacos guincharam e se debateram, com o intuito de escapar; mas, apesar de ser uma coisa fácil de fazer, não queriam largar a castanha para poderem tirar a mão da caixa e fugir. Assim, os homens os capturaram facilmente.

E o mesmo parece acontecer freqüentemente com as pessoas, que se apegam e se agarram tão firmemente às coisas do mundo — aquilo que é telectual — que não há incentivo nem emergência capaz de persuadi-las a abandonar tais coisas em favor daquilo que é celestial. Satanás agarra-as facilmente. Se insistirmos em gastar todos os nossos recursos e tempo edificando para nós mesmos um reino do mundo, é isto, exatamente, o que herdaremos.

A despeito de nosso deleite em nos definirmos como modernos, e nossa tendência de pensarmos que possuímos uma sofisticação que nenhum povo do passado jamais teve — a despeito de todas essas coisas, nós somos, no todo, um povo idólatra — a condição mais repugnante aos olhos do Senhor.

Somos um povo dado à guerra, povo facilmente distraído de sua designação de preparar-se para a vinda do Senhor. Ao se levantarem os inimigos, revertemos grandes recursos à fabricação de deuses de pedra e aço — navios, aviões, mísseis, fortificações — e dependemos deles para proteção e livramento. Ao sermos ameaçados, alinhamo-nos contra um inimigo, tornamo-nos archi-inimigos, em vez de alinharmos-nos em favor do reino de Deus, tornando-nos pró-reino de Deus. Nós treinamos um homem na arte da guerra e chamamo-lo de patriota, patriota na forma distorcida de patriotismo criada por Satanás, pervertendo o ensinamento do Salvador:

“... Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem;

Para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus... (Mateus 5: 44-45.)

Esquecemo-nos de que, se formos justos, o Senhor não permitirá que nossos inimigos nos sobrepujem — e esta é uma promessa especial aos habitantes da terra das Américas (ver 2 Néfi 1:7) — ou que ele lutará nossas batalhas por nós (Êxodo 14:14, DeC 98: 37, para citar apenas duas referências entre muitas). E isso ele é capaz de fazer, pois que disse, no momento de sua traição: “Ou pensas tu que eu não poderia agora orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” (Mateus 26: 53.) Podemos imaginar que assustadores soldados eles seriam.

O rei Josafá e seu povo foram libertados por um exército semelhante (Ver 2 Crônicas 20), e quando Eliseu tinha sua vida ameaçada, confortou seu servo, dizendo: “Não temas; porque mais são os que estão

conosco do que os que estão com eles.” (2 Reis 6: 16.) O Senhor, então, abriu os olhos do servo: “... e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.” (v. 17.)

Enoque também foi um homem de grande fé que não poderia ser afastado de seus deveres pelo inimigo: “E tão grande era a fé de Enoque, que ele conduziu o povo de Deus, e seus inimigos saíram à batalha contra ele; e ele falou a palavra do Senhor, e a terra tremeu, e as montanhas fugiram, mesmo de acordo com o seu mandamento; e os rios se desviaram de seus cursos; e o rugido dos leões se fez ouvir no deserto; e todas as nações temeram grandemente, tão poderosa era a palavra de Enoque, e tão grande era o poder da palavra que Deus lhe dera. (Moisés 7: 13.)

O que temos a temer, quando o Senhor está conosco? Não podemos levar a sério a palavra do Senhor e exercer uma partícula de fé nele? Nossa designação é positiva; esquecer e abandonar as coisas do mundo como metas em si mesmas; abandonar a idolatria e apegar-nos firmemente à fé: levar o evangelho a nossos inimigos, para que eles não mais sejam nossos inimigos.

Devemos deixar de lado a adoração dos ídolos de nossos dias modernos, e a confiança no “braço da carne”, pois que o Senhor disse a todo mundo hoje: “... não pouparei a nenhum que permanecer em Babilônia.” (DeC 64:24.)

Quando Pedro pregou uma mensagem como esta ao povo, no dia de Pentecostes, muitos deles “... ouvindo isto, compungiram-se em seu coração, e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos?” (Atos 2:37).

E Pedro respondeu: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo.” (v. 38.)

Ao nos aproximarmos do ano 2000, nossa mensagem é a mesma que Pedro deixou. E mais, a que o próprio Senhor deixou “... aos confins da terra, para que todos os que quiserem possam ouvir:

Preparai-vos, preparai-vos para o que está por vir, pois o Senhor está perto.” (DeC 1: 11-12.)

Creemos que a maneira pela qual cada pessoa e cada família poderá preparar-se como o Senhor mandou, é começar a exercer maior fé, arrepender-se, e entrar na obra de seu reino sobre a terra, que é A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Pode parecer um pouco difícil a princípio, mas assim que uma pessoa começa a vislumbrar o verdadeiro trabalho, quando começa a ver algo da eternidade em sua verdadeira perspectiva, as bênçãos começam a exceder, e, em muito, o preço de se deixar “o mundo” para trás.

Nisso reside a verdadeira e única felicidade; e, portanto, convidamos e fazemos bem-vindos a todos os homens, de todos os lugares, para que se juntem a esta obra.

Pois para todos os que estiverem determinados a servir ao Senhor a qualquer preço, este é o caminho para a vida eterna. Tudo o mais são apenas meios para se atingir tal fim.

Um Novo Mandamento

Salva-te a Ti Mesmo e a Tua Família

Elder Bruce R. McConkie
do Conselho dos Doze

Para grande regozijo dos que amam ao Senhor e sua santa palavra, e que desejam receber orientação do alto, duas revelações, enviadas dos céus — ambas bem conhecidas na Igreja, como Escritura! — foram adicionadas às obras-padrão durante a conferência geral de abril de 1976.

Em sessão solene no santo templo, no dia 25 de março de 1976, com o Espírito do Senhor presente, a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze votaram unanimemente para que fosse acrescido à Pérola do Grande Valor o seguinte:

Uma visão do reino celestial, dada ao Profeta Joseph Smith, no templo de Kirtland, em 21 de janeiro de 1836, cujo tema é a salvação daqueles que morrem sem conhecimento do evangelho, e também com respeito à salvação das criancinhas;

Uma visão dada ao Presidente Joseph F. Smith, na Cidade de Lago Salgado, Utah, em 3 de outubro de 1918, mostrando a visita do Senhor Jesus Cristo ao mundo espiritual, e o estabelecimento ali da doutrina da redenção dos mortos.

Com base em deliberação e meditação prévia, conhecendo perfeitamente a importância e o efeito da proposição apresentada diante deles, quinze homens ergueram sua mão em ângulo reto, evidenciando que aqueles a quem a Igreja apóia como profetas, videntes e reveladores — todos eles — confirmaram sua concordância com a histórica proposição que se lhes apresentava.

Na Igreja verdadeira, em que existem apóstolos e profetas, nada é melhor reconhecido ou mais apreciado que o fato de que o cânon de Escrituras não está e nunca estará completo.

Deus fala e seu povo escuta. Suas palavras e suas obras não têm fim; nunca se encerram ou cessam. (Moisés 1: 4, 38.)

Graças ao fato de Deus não fazer acepção de pessoas (Ver Deut. 1:17; Atos 10:34), e decidir honrar e abençoar a todos os que o amam e servem, o Senhor derrama revelações e dá gloriosas visões a todos os que obedecem às leis que regem o recebimento dessas bênçãos espirituais. Tal recebimento não é limitado aos profetas e apóstolos. Todos são iguais perante Deus, no que concerne ao derramamento de seus

dons. E o que qualquer élder disser, se movido pelo Espírito Santo, é Escritura. É a vontade, o pensamento, a palavra e a voz do Senhor. (DeC 68: 1-4.)

Desde os dias da primeira dispensação, tem sido prática entre o povo do Senhor escolher e selecionar declarações escriturísticas daquelas indicadas para dirigir a Igreja, e publicá-las como Escritura oficial e formal. Todos os dizeres e escritos inspirados são verdadeiros; são e devem ser aceitos por todos os que se dizem santos, os quais devem crer nessas coisas. Todavia, revelações, visões, profecias e narrações escolhidas e publicadas para uso oficial são, por conseguinte, seladas sobre o povo de uma forma particular, especial. Tornam-se parte das obras-padrão da Igreja. Tornam-se os padrões, as réguas métricas pelos quais se determina a doutrina e o procedimento.

Sendo acrescidas às obras-padrão, a visão do Profeta do reino celestial, e a visão do Presidente Joseph F. Smith da redenção dos mortos, assumem um novo e maior significado. Ambas contêm verdades do evangelho que não são, de outra forma, encontradas nas obras-padrão, e de agora em diante serão citadas e mais bem conhecidas, e se fará remissão recíproca com outras referências das obras-padrão, sobre o mesmo assunto.

Que existem outras revelações que poderiam também receber esta dignificação adicional e aprovação formal é óbvio.

Não havia nada de novo sobre essas duas revelações a respeito da salvação dos mortos. Seu conteúdo já era conhecido; suas medidas têm estado em vigor; seus princípios têm sido largamente ensinados. Mas agora, nesta hora, com sua inclusão nas Escrituras formais dos santos, tornam-se um novo mandamento — tornam-se um novo pronunciamento divino sobre o que dizer e fazer, nos requisitos da doutrina da salvação dos mortos, que aumenta a amplitude da alma.

Eis aqui um sumário cronológico de como a revelação desta doutrina saciadora da alma surgiu.

1. A salvação para os mortos é uma doutrina bíblica. Isso é perfeitamente claro para nós, que recebemos revelação nos últimos dias. Nós agora sabemos o que Jesus quis dizer, ao afirmar: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que



os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que ouvirem viverão.” (João 5: 25.) Podemos compreender as declarações de Pedro acerca do ministério de nosso Senhor no mundo espiritual, no qual pregou o evangelho, enquanto seu corpo jazia na tumba de José de Arimatéia (1 Pedro 3: 18-20; 4:6). A declaração do Apóstolo Paulo acerca do batismo pelos mortos agora faz sentido (1 Cor. 15:29), assim como as declarações de Isaías e Zacarias a respeito da libertação de prisioneiros das prisões e da “cova em que não havia água” (Isaías 42:7, 49:9; 61:1; Zacarias 9: 11.) Também nos faz sentido a profecia de Obadias a respeito dos salvadores que “...levantar-se-ão... no monte Sião...” (Obadias 21.) Até mesmo a promessa enigmática de Malaquias de que Elias retornaria antes do grande e terrível dia do Senhor para “...converter o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos aos pais...” para que o Senhor não venha “...e fira a terra com maldição” (Mal. 4: 5-6) torna-se mais significativa, porque a doutrina da salvação para os mortos foi estabelecida claramente para nós, através da revelação moderna.

Mas nos primeiros dias de nossa era não é de se supor que Joseph Smith compreendesse essas passagens melhor do que o mundo sectário compreende hoje.

2. Morôni principia a revelação moderna pela doutrina da salvação para os mortos. Quando o filho de Mórmon se chegou ao primeiro santo dos últimos dias dos tempos modernos, naquela noite memorável de setembro de 1823, repetiu e aperfeiçoou a promessa acerca da vinda de Elias nos últimos dias.

A promessa de Malaquias de que o Senhor enviaria Elias antes de sua segunda vinda foi reafirmada desta maneira: “Eis que vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.” A declaração da Escritura de que Elias converteria o coração dos pais aos filhos e vice-versa, para que a terra não fosse ferida com maldição, foi reestruturada desta forma: “E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas ao pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda.” (DeC 2; Jos. Smith 2: 38-39.)

Essa formulação alterada da Escritura sagrada destinava-se a ter grande significado para Joseph Smith, no seu devido tempo. Mas, na época, com seu incipiente estado espiritual, não podemos supor que captasse seu significado completo.

3. O Livro de Mórmon apresenta alguns aspectos claros e indicativos da salvação para os mortos. Traduzido pelo dom e poder de Deus, este volume de Escritura sagrada contém a plenitude do evangelho eterno, sendo um relato dos acordos de Deus com um povo que tinha a plenitude do evangelho, e também relata as coisas que os homens devem fazer para ganhar a plenitude da salvação nos mundos eternos.

Através dele, Joseph Smith aprendeu — assim como todos nós! — que não há salvação para os mortos que tiveram a oportunidade de receber a verdade clara e pura, enquanto habitaram na mortalidade, e não a aceitaram. (Ver Alma 34: 32-33, 35-36; 3 Néfi 12: 20.)

4. O Livro de Moisés alude à libertação dos prisioneiros. Durante o processo de aperfeiçoamento do texto da Versão da Bíblia do Rei Tiago, Joseph Smith aprendeu, por revelação, por volta de dezembro de 1830, que aqueles que morreram durante o dilúvio foram aprisionados, e destinados a assim permanecer até que Cristo pagasse pelos pecados dos homens, até que ele intercedesse por seus irmãos que estavam na prisão espiritual, e até que ele retornasse a seu Pai. “...até esse dia eles estarão em tormento.” (Moisés 7: 34-39.)

5. A libertação dos prisioneiros dos dias de Noé não significa recebimento de recompensa celestial. No que provavelmente seja a maior de todas as visões jamais registradas, dada no dia 16 de fevereiro de 1832, o Profeta viu que aqueles a quem Noé ofereceu o evangelho e que foram depois destruídos pelo dilúvio, embora arrependendo-se e aceitando o evangelho na prisão espiritual, não herdarão o reino celestial. Deles é uma herança terrestre eterna, porque rejeitaram a verdade, quando lhes foi oferecida na mortalidade. (DeC 76: 71, 73-74.)

6. O Livro de Abraão e o livro de Doutrina e Convênios revelaram as promessas feitas aos pais. Embora haja alusões a elas na Bíblia, a primeira citação clara e exata das promessas feitas aos pais é encontrada em Doutrina e Convênios e nos escritos de Abraão, cuja tradução Joseph Smith começou em julho de 1835.

Os patriarcas envolvidos são Abraão, Isaque e Jacó. Cada um deles, por sua vez, recebeu para si próprio e sua semente, a promessa de que, através do casamento celestial, eles e sua semente teriam posteridade tão numerosa como as areias do mar, e como as estrelas do céu. Também receberam a promessa de que neles e em sua semente todas as gerações seriam abençoadas. (Gên. 12: 2-3; 13:16; 15: 5-6; 17: 1-8; 22: 17-18; 26: 3-5, 24; 28: 3-4, 13-14; 35:11.)

Conforme se encontra no livro de Abraão, a promessa de Jeová a seu amigo Abraão incluía esta garantia: "...pois te prometo que este direito..." — o direito de receber o Sacerdócio de Melquisedeque — "...continuará..." para sempre. Ao grande patriarca foi prometido também: "...em ti, e em tua semente depois de ti (que é, por assim dizer, a semente literal, ou a semente corporal), serão abençoadas todas as famílias da terra, mesmo com as bênçãos do Evangelho, que são as bênçãos da salvação, até mesmo da vida eterna." (Abr. 2:11.)

Abraão, Isaque e Jacó — e sua semente — possuem o direito natural (tal é a promessa dada por Deus a eles) ao Sacerdócio, ao evangelho, e à plenitude da salvação, que é a vida eterna! E isto inclui todos os da "...semente literal, ou a semente corporal..." quer tenham vivido sobre a terra, quando havia nela evangelho ou não! E o fato de que a referida vida eterna é produto do casamento celestial para o tempo e a eternidade, já é, entre nós, um axioma. (V. DeC 131, 132.)

7. A visão de Joseph Smith do reino celestial: A primeira revelação específica sobre salvação para os mortos. O dia é 21 de janeiro de 1836. O local, uma das salas superiores do Templo de Kirtland. Entre os presentes estão o Profeta Joseph Smith, seu pai, Joseph Smith Sr., Oliver Cowdery (o segundo élder, que possuía as chaves do reino juntamente com o Profeta), Sidney Rigdon e Frederick G. Williams, os conselheiros na Primeira Presidência. Eles estão administrando um endowment parcial, pois que a ordenança completa estava reservada para o futuro, quando um templo destinado para o trabalho de ordenanças fosse edificado.

Neste cenário, tendo o alicerce doutrinário já sido estabelecido, e com o Espírito do Senhor pairando fortemente sobre eles, o véu foi rompido (ou seja, foi eliminada a barreira entre o céu e a terra) "...e viram o reino celestial de Deus em sua glória", disse o Profeta. Descreveu sua beleza, que incluía "...o refulgente trono de Deus, sobre o qual se achavam sentados o Pai e o Filho." Ele viu Adão, Abraão, seu pai e mãe naquela santa esfera, mostrando que a visão era de coisas que estavam por acontecer, porque seus pais se encontravam ainda na mortalidade, e seu pai estava presente naquele mesmo recinto.

"Vi... meu irmão Alvin, que havia morrido há muito tempo; e maravilhei-me de que ele houvesse recebido uma herança naquele reino, pois partira desta vida antes que o Senhor se dispusesse a reunir Israel pela segunda vez, e não fora batizado para remissão dos pecados." Disto depreende-se claramente que, a despeito de tudo que as Escrituras diziam sobre promessas feitas aos patriarcas, a respeito de toda a semente de Abraão ter direito a bênçãos especiais, e a respeito da pregação do evangelho do mundo espiritual, o Profeta ainda não vislumbrara o conceito da salvação para os mortos, que aumenta a amplitude da alma.

Desta forma, a resposta foi dada e o evangelho espalha sua luz para abraçar vivos e mortos.

"Então veio até mim a voz do Senhor, dizendo:

"Todos os que morreram sem conhecimento deste Evangelho, que o teriam recebido se lhes fosse permitido permanecer na terra, serão herdeiros do reino celestial de Deus; também todos aqueles que, deste dia em diante, morrerem sem ter tomado esse conhecimento, mas que o teriam recebido de todo o seu coração, serão herdeiros desse reino, pois eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, segundo o desejo de seus corações." (*History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints*, vol. 2: 380; ver também *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 104.)

Todo membro da Igreja deveria ponderar essas palavras e memorizá-las. Elas contêm a promessa do Senhor, de que todos que teriam recebido o evangelho nesta vida "de todo o seu coração", se lhes tivesse sido concedida a oportunidade, irão recebê-lo no mundo espiritual, e serão herdeiros do reino celestial de Deus.

Em seguida, o Profeta recebeu a reconfortante certeza de "...que todas as crianças que morreram antes de chegar à idade da responsabilidade, salvaram-se no reino celestial." (*History of the Church*, vol. 2:381, ver também as páginas 382 a 389; *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 104-105.)

8. Elaías e Elias vieram pôr em funcionamento a doutrina da salvação para os mortos. Menos de dois meses e meio após a visão do reino celestial recebida pelo Profeta, o Senhor enviou Elaías e em seguida Elias, para que as leis relativas à salvação dos mortos pudessem ser colocadas em pleno funcionamento. O dia foi 3 de abril de 1836 e o lugar o mesmo Templo de Kirtland. Joseph Smith e Oliver Cowdery receberam os poderes e bênçãos, na ocasião:

"...Elaías apareceu e nos conferiu a dispensação do Evangelho de Abraão, dizendo que em nós e em nossa semente todas as gerações depois de nós seriam abençoadas. (DeC 110: 12.)

Assim, Elaías trouxe de volta o grande comissionamento outrora dado a Abraão — denominado na revelação "o Evangelho de Abraão" — evangelho esse, ou comissão, segundo o qual, em sua semente todas as gerações seriam abençoadas; comissão, segundo a qual, toda a semente de Abraão teria o direito à continuação da família como unidade, na eternidade, e também a um progresso, ou aumento eterno da família, da posteridade, que é parte da vida eterna. Esta, como vimos, foi a promessa feita aos pais.

Após Elaías, veio Elias, o profeta. Revelada a promessa, ela agora deveria ser plantada nos corações da semente de Abraão. E o relato nos diz: "Depois que esta visão se encerrara, outra grande e gloriosa visão fulgurou sobre nós; pois Elias, o profeta, que foi trasladado aos céus sem ter experimentado a morte, estava em pé diante de nós, e disse:

"Eis que é chegado o tempo exato do qual falou Malaquias — testificando que ele (Elias) seria enviado antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse.

“Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição.

“Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isto podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, mesmo às portas.” (DeC 110: 13-16.)

Desta maneira, Elias conferiu sobre os homens o poder selador, o poder pelo qual as promessas feitas aos patriarcas entrariam em vigor na vida dos homens. Conforme expôs Joseph Smith, em seu grande discurso sobre “Elaías, Elias, e Messias”, Elias veio para nos conceder a capacidade de realizar todas as ordenanças do evangelho, primeiramente para os vivos, e depois pelos mortos. (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, pp. 326-332.)

Casamo-nos no templo — e assim recebemos as bênçãos de Abraão, Isaque e Jacó, conforme prometidas por Elaías — graças ao poder selador restaurado por Elias. Uma vez recebidas essas bênçãos, dadas a nós e nossa posteridade, procuramos torná-las disponíveis aos nossos ancestrais que morreram sem conhecimento do evangelho, mas que o teriam recebido de todo o coração, se tivessem vivido na época em que tais bênçãos estivessem disponíveis. O divino decreto é: Salva-te a ti mesmo e a tua família.

9. Joseph Smith e seus sucessores orientaram os santos no tocante à salvação dos mortos. Desde os dias do Profeta até agora, linha sobre linha e preceito sobre preceito, resolvendo cada problema surgido pelo espírito de inspiração, os vários presidentes da Igreja têm orientado o povo no tocante a esta grande obra de salvação dos mortos. Temos vários sermões de Joseph Smith, além de suas duas epístolas, encontradas nas seções 127 e 128 de Doutrina e Convênios. Temos decisões do Presidente Wilford Woodruff e outros, concernentes a como e a quem as crianças deveriam ser seladas. Temos o grande sistema genealógico da Igreja para ajudar-nos nas pesquisas necessárias. Temos organizações familiares por toda parte, e a obra está progredindo.

10. A visão da redenção dos mortos, do Presidente Joseph F. Smith, amplia nosso entendimento da salvação para os mortos. Entre outras coisas, esta visão moderna revela o seguinte:

Primeiro: É uma confirmação completa e total da doutrina da Igreja no que concerne à salvação para os mortos.

Segundo: O Presidente Smith viu “. . . as hostes dos mortos. . .” — todos aqueles que haviam morrido por 4.000 anos de comoções terrenas. Entre esses havia “. . . um número incontável de espíritos dos justos, que foram fiéis no testemunho de Jesus enquanto viveram na mortalidade. . .” E foi a estes que o Senhor, em espírito, ministrou, proclamando novamente a seus ouvidos atentos o grande plano de redenção.

Terceiro: Entre os iníquos e perversos, nosso Senhor não ministrou pessoalmente, e sua voz não se lhes fez ouvir. “Mas eis que, dentre os justos, organizou as suas forças e designou mensageiros, investiu-os

com poder e autoridade, e comissionou-os para que fossem e levassem a luz do Evangelho àqueles que estavam na escuridão, mesmo a todos os espíritos dos homens. E desse modo, o Evangelho foi pregado aos mortos.”

Quarto: Está claramente estabelecido que todo o mundo espiritual, e não apenas a parte designada como inferno, é uma prisão espiritual. (V. Alma 40: 9-15.) Quando Jesus foi ao mundo espiritual, declarou “. . . liberdade aos cativos que tinham sido fiéis. . .” pois eles “. . . consideravam a grande ausência dos seus espíritos dos seus corpos como uma escravidão”. (Ver também DeC 45:17.)

Quinto: “. . . os élderes fiéis desta dispensação, quando deixam a vida mortal, continuam o seu trabalho de pregação do evangelho do arrependimento e redenção, através do sacrifício do Filho Unigênito de Deus, entre aqueles que estão nas trevas e sob a escravidão do pecado no grande mundo dos espíritos dos mortos.”

Assim, os membros fiéis do reino de Deus na terra, enquanto ainda na mortalidade, buscam seus ancestrais mortos e realizam as ordenanças de salvação e exaltação por eles nos sagrados santuários preparados e designados para esse propósito. Depois, ao partirem desta vida, essas almas fiéis procurarão seus ancestrais e ensinar-lhes-ão as verdades salvadoras do evangelho eterno. E assim o evangelho continua a ser pregado entre os mortos. (Joseph F. Smith, *Doutrina do Evangelho*, Centro Editorial Brasileiro, 1976, p. 432-35.)

11. Mais revelação virá concernente à salvação para os mortos e outras coisas. Ainda não foi pronunciada a última palavra a respeito de qualquer assunto. Ribeiros de água viva ainda fluirão da Nascente Eterna, que é a fonte de toda a verdade. Há mais coisas que não sabemos acerca das doutrinas de salvação do que as que já conhecemos.

Quando nós, como povo, crermos e praticarmos todas as verdades já recebidas, receberemos mais da mente, vontade e voz do Senhor. O que recebermos e quando, depende muito de nós. O Senhor tem muitas coisas que nos deseja dizer, mas, até agora ainda não atingimos a unidade e estatura espiritual que nos permita fazer descer conhecimento dos céus sobre nós.

Louvamos a Deus, porque ele achou conveniente nos dar o que já recebemos, incluindo essas duas revelações acerca da salvação dos mortos, e oramos para que possamos crer e obedecer com tal fé e devoção que farão com que o Senhor nos dê mais de sua palavra eterna. Quanto mais soubermos, mais Escrituras recebermos, mais será acrescentado às nossas obras-padrão, e maior será nossa oportunidade de obter a vida eterna no reino de nosso Pai. Jamais poderemos cumprir uma lei sem que nos seja revelada. Pode qualquer um de nós saber demais? Podemos receber revelações em demasia? Poderemos acrescentar coisas demais à nossa Escritura sagrada?

Que coisa maravilhosa é adorar um Deus que ainda fala, cuja voz ainda é ouvida, e cujas palavras são sem fim!



A Vizinhança é Enriquecida pelo Profeta

Gerry Avant

O Presidente Spencer W. Kimball é reverenciado como profeta, vidente e revelador por cerca de três milhões e meio de membros da Igreja.

Para os membros de uma determinada ala da Cidade do Lago Salgado, ele é tudo isso e algo mais, muito especial. É vizinho deles.

“Nós temos a experiência ímpar de ver o Presidente Kimball presidindo as conferências gerais, e, em seguida, vê-lo como um humilde e submisso membro da ala e da comunidade”, disse o seu bispo.

“Há dois anos atrás, nós o convidamos para ser um dos oradores no programa de Natal. Ele disse que iria verificar sua agenda. Telefonou mais tarde, naquele mesmo dia, e disse que estaria na cidade, e ficaria muito feliz em poder falar. Ele se considera igual a qualquer outro membro da ala, ansioso por cumprir qualquer designação que lhe for dada pelo bispo.”

O bispo descreveu seus próprios sentimentos a respeito de ter sido chamado para servir como líder da ala freqüentada pelo profeta.

“Quando aceitei o chamado, o presidente da estaca me disse que obtivera aprovação do Presidente Kimball, para que eu fosse seu bispo.

“Comecei a fazer o trabalho tremendo de medo, mas não havia a menor necessidade de me preocupar tanto com ele. Ele é tão amável e gentil! É um privilégio estar com ele.

“Toda a ala é abençoada por sua presença. Quando nosso filho mais velho estava para ser ordenado diácono, nós conversamos a respeito do privilégio que ele teria de distribuir o sacramento ao profeta.

“As reuniões de jejum e testemunho são muito especiais. Em toda Igreja, os membros prestam testemunho de que Spencer W. Kimball é um profeta do Se-

nhor. Para nós, é muito significativo podermos fitar sua face, e prestarmos nosso testemunho em sua presença.”

O bispo também falou da riqueza de espírito da Irmã Kimball, e de como isso favorece a ala. “Ela é uma inspiração para as irmãs da Sociedade de Socorro”, disse ele. “Ela deu aulas de Viver Espiritual por muitos anos, e inspirou muitas pessoas a estudarem as Escrituras.”

“Sua freqüência é de 100%. Se ela estiver na cidade, estará sempre presente às reuniões. É professora visitante dedicada, que possui um amor genuíno e preocupação por aqueles a quem é chamada a servir.”

O bispo, assim como outros membros da ala, testificam que o Presidente Kimball não pede coisa alguma aos membros da Igreja que ele mesmo não esteja disposto a fazer.

“Durante a crise de energia de 1974, por exemplo, que, entre outros países, atingiu também os Estados Unidos”, ele enviou uma carta aos líderes da Igreja solicitando aos membros que fossem a pé à Igreja em vez de utilizarem o carro, sempre que possível. Ele e a Irmã Kimball vinham a pé.

“Ele tem ressaltado a necessidade de que os membros tenham sua própria horta e armazenamento de alimentos. Ele e a Irmã Kimball possuem uma horta e árvores frutíferas em seu quintal.

“Fizemos uma pesquisa na ala para determinar o que os membros tinham armazenado como reserva de alimentos. Ambos participaram da pesquisa.”

O bispo também falou do tema do Presidente Kimball: “Faça-o”.

“Ele não procrastina, não adia as coisas”, disse. “Quando enviamos aos membros a carta com o orça-



mento anual da ala, a primeira resposta que recebo é a do Presidente Kimball.

“Fico impressionado pelo fato de ele ser o profeta de mais de três milhões de pessoas, ser reconhecido como tal por três milhões e meio delas, e sempre ter tempo para visitar os doentes. Frequentemente, quando vou visitar os doentes, descubro que o Presidente Kimball já esteve lá. Se ele não sabe o estado da pessoa doente, telefona e pergunta se seria conveniente fazer a visita.”

O Presidente Kimball frequenta as reuniões sacramentais de sua ala sempre que está na cidade. E dá exemplo, levando suas Escrituras, e consultando-as, sempre que o orador cita ou lê passagens. Ele presta muita atenção a tudo o que é dito.

Os mestres familiares designados falam, a cada mês, do desejo que têm o Presidente e a Irmã Kimball de serem tratados como os outros membros da ala.

“Quando a Missão de Utah foi organizada, tivemos uma renovada ênfase no fato de cada membro ser um missionário”, disse um dos mestres familiares. “Perguntamos se ele gostaria de ver o filme estático que estava sendo exibido pelos mestres familiares a fim de auxiliar os membros a partilharem o evangelho com seus amigos. Ele disse que sim. Ele aparecia no filme estático, mas quis que nós lho exibíssemos.”

Tendo sido recentemente mudadas as designações dos mestres familiares, um sacerdote de 18 anos recebeu a designação de visitar a casa do Presidente e Irmã Kimball.

“Estive em sua casa muitas vezes”, disse o jovem. “Eles realmente fazem com que você se sinta bem-vindo e à vontade. Ele sempre tem algo a nos dizer antes que partamos, e sempre se esforça por conversar conosco na Igreja. Quando fui abençoar o sacramento, ele se adiantou e apertou minha mão.”

O mestre familiar sênior tem visitado a casa do Presidente Kimball por cinco ou seis anos consecutivos. “Quando fomos a primeira vez, ele era um apóstolo. Naquela primeira noite, ficamos sabendo o que esperava de nós. Ele disse: ‘Vamos debater as Escrituras’. Desde aí, discutimos e lemos as Escrituras em seu lar todas as vezes que lá fomos.”

Um mestre familiar anterior disse que tinha sido um privilégio especial e um ponto alto poder ajoelhar-se no lar do profeta e encerrar a visita com oração.

“Às vezes ele nos convidava, ou à Irmã Kimball para fazer a oração, e às vezes ele mesmo a oferecia” diz o irmão. “Ele sempre ora em favor de todos os membros da Igreja. Isso realmente me impressiona.”

Um conselheiro do bispado, que mora em frente ao Presidente Kimball, conta que a luz está frequentemente acesa em seu escritório, bem cedo pela manhã e tarde da noite. “Tenho de me levantar muito cedo mesmo, para começar o dia antes do Presidente Kimball”, disse ele.

“Fomos uma noite dessas para ver quando a Irmã Kimball teria tempo para conversar com minha mulher acerca de uma aula que estava preparando. O Presidente Kimball abriu a porta e disse: ‘Entrem e jantem conosco’.

“Eles estavam comendo pão e leite, e isso foi muito especial para mim, porque fui criado numa fazenda em que esse era o jantar tradicional. Teria sido um grande prazer ficar, mas tínhamos que voltar para casa e preparar o jantar para nossa própria família.”

“Não creio que alguém seja mais humilde e sincero do que o Presidente Kimball”, diz um dos mestres familiares. “Ele sempre nos agradece por irmos à sua casa e fazermos a visita. Deixa tudo de lado para nos atender. E dá prioridade máxima aos mestres familiares.”

Após quase quatro meses de apressados preparativos, estávamos prontos a fim de partir para a Arábia. Nossos amigos no Oriente Médio já estavam de sobreaviso. Nossas mentes e pastas estavam cheias de informações colhidas de antigos documentos, relatórios de exploradores modernos e alusões das Escrituras. Armados com a visão real da missão e a expectativa das emoções da aventura, partimos da Cidade do Lago Salgado no dia 15 de janeiro de 1976, a fim de seguir o mais próximo possível nossa reconstrução da trilha de Léhi. Jerry Silver, excelente fotógrafo do "Deseret News", da Cidade do Lago Salgado, e nossa filha Cynthia, de vinte e cinco anos, nos acompanhavam.

O Departamento de Estado norte-americano aconselhou-nos a fazermos a jornada ao contrário, começando por Salala, Omã, no Mar da Arábia, e terminar em Jerusalém. Este procedimento diminuiria em muito nossas dificuldades de passagem pelas fronteiras — que, ainda assim seriam muitas — nos quatro países que teríamos de atravessar. Condições militares incertas tornavam-nos impossível visitar duas das áreas: um trecho da Arábia Saudita, junto ao Mar Vermelho, onde achamos que Léhi passou, entre o vale de Lemuel e Shazer, e um trecho do deserto desde Abha para o leste até o Mar da Arábia, o qual acreditamos ter sido a rota de Léhi até a terra da Abundância. Mas voamos sobre parte desses locais, e de outro modo ficamos satisfeitos com a cobertura da rota que pensamos pudesse ser a mais razoável feita por Léhi. Muito embora tenhamos viajado no sentido contrário, apresentaremos nossos achados na ordem em que Léhi os deve também ter encontrado.

Estamos bem cientes de que nossas conclusões acerca do estilo de vida de Léhi no deserto são exatas apenas na medida em que os estilos de vida dos beduínos do deserto se assemelham ainda aos de seus antepassados há 2.600 anos atrás. O que vimos foi valiosíssimo e esclarecedor, mas não pode ser tomado como fato comprovado sem uma grande dose de pesquisa suplementar em arqueologia, antropologia e lingüística.

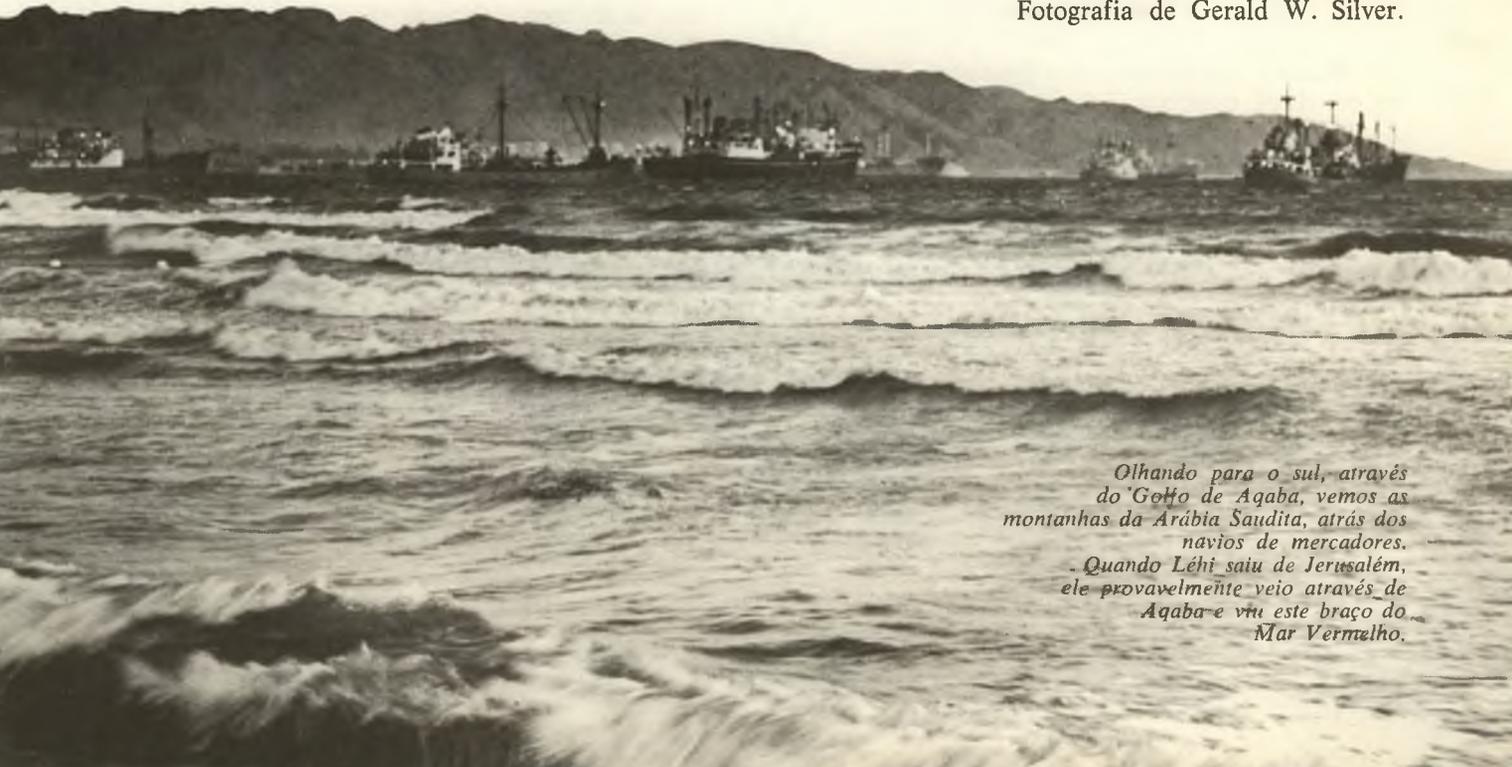
Tínhamos apenas cinco semanas para passar no Oriente Médio nesse projeto — outra razão (além do conforto) por que escolhemos automóveis com ar condicionado, em vez de camelos ou jumentos para o transporte. Estradas pavimentadas cobrem hoje a maior parte da rota, que segue a antiga rota das especiarias, pela imposição forçosa dos poços d'água e topografia.

Após Léhi ter deixado Jerusalém não poderia ter ido muito longe nas direções sul ou leste, antes de entrar no deserto. Ao observarmos o terreno contrastante — acidentado, anfractuoso, cheio de formações rochosas à volta de Jerusalém, e o terreno estéril, arenoso e relativamente uniforme do deserto — convencemo-nos de que Léhi deve ter adquirido camelos antes de entrar muito no deserto e, provavelmente, assim que dele se aproximou. Não importa qual rota tenha usado para deixar Jerusalém, logo deve ter encontrado mercadores de camelos para trocar seus jumentos por camelos. Ele podia também ter dinheiro, e usou para comprá-los — deixar seu ouro e prata para trás (1 Né. 2:4) não quer dizer que ele saiu sem um níquel sequer. Os mercados de camelos ainda estão lá — enormes e ruidosos, com vendedores e compradores regateando a plenos pulmões.

Em Busca da Trilha de Léhi

Parte 2: A Jornada

Por Lynn M. e Hope A. Hilton.
Fotografia de Gerald W. Silver.



Olhando para o sul, através do Golfo de Aqaba, vemos as montanhas da Arábia Saudita, atrás dos navios de mercadores. Quando Léhi saiu de Jerusalém, ele provavelmente veio através de Aqaba e viu este braço do Mar Vermelho.

Já sabíamos, de quinze viagens anteriores à Terra Santa, que existem apenas dois meios de Léhi haver deixado a cidade de Jerusalém. O caminho leste divide-se em dois dos três roteiros principais de Jerusalém até Aqaba. (Veja a ilustração 5, p. 8, da Liahona de julho/77). Exploramos as três rotas. Não seguimos a variante, que ainda é apenas uma picada sobre a escarpada montanha do Sal. Sa'adi Fatafitah, nosso amigo que nos acompanhou a maior parte da viagem, já a transpusera a pé e nos assegurou que ainda dava passagem, apesar das dificuldades. Após avaliarmos todas as rotas, escolhemos a rota central que passa perto de Jericó, e depois vira para o sul na direção do Qumram, a oeste do Mar Morto, embora seja bem possível que Léhi haja seguido a Estrada Real. A pessoa que seguir a caminho para Qumram, a leste de Jerusalém, sai rapidamente da cidade. A lógica do terreno em declive ajuda a explicar por que os cristãos na época de Tito escolheram-no como escapatória.

O lado oeste do Mar Morto, situado 430 metros abaixo do nível do mar, é o ponto mais baixo da face da terra, nada convidativo. Reinava lá a maior desolação. A água, saturada de minerais, jaz estagnada na longa depressão geológica; mas ficamos atônitos em ver tantas nascentes de água doce ao longo daquela costa oeste. Há também uma excelente praia usada como trilha, antigamente, de acordo com Salim Saad, que viveu a maior parte de sua vida naquela área.

Pareceu-nos que Léhi poderia muito bem ter escolhido a costa oeste do Mar Morto, em vez da costa leste, porque assim estaria ainda dentro de sua terra natal, Judá, em vez de atravessar as nações "estrangeiras" de Amon, Moabe e Edom, pelas quais passava a Estrada Real. Na costa oeste, ele teria evitado também os centros populacionais judeus de Hebron e Berseba, onde poderia ser reconhecido mais facilmente como alguém cuja vida estava ameaçada, enquanto vivia em Jerusalém.

Uade al 'Araba

Ficamos pensando sobre o determinismo geográfico que fazia com que todas as estradas levassem a Aqaba. Foi, certamente, mais fácil compreendê-lo assim que entramos no Uade al 'Araba, extensão geológica da baixada, em que encontramos o Mar da Galiléia, o Rio Jordão e o Mar Morto. É parte do notável sistema de vales em garganta que se estende, desde o Vale Beka, no Líbano, até o Golfo de Aqaba, no Mar Vermelho, ao sul.

A porção norte de Uade al 'Araba esgota suas águas para o norte no Mar Morto. O final meridional do leito seco cai na direção do Mar Vermelho. (N. T.: "Uade" é uma palavra árabe que significa leito seco, arenoso, de rio intermitente.) Ao contemplá-lo, vimos uma planície larga, poeirenta, quente no verão e enregelante no inverno, ladeado por altas montanhas, entre 5 a 18 quilômetros de distância. A chuva é escassa, permitindo o crescimento de grama rala ocasional e algumas tamareiras. Diferente da Estrada Real, esta planície é a única saída ao sul de Jerusalém. Sua po-

pulação é intermitente, composta de beduínos nômades, desde eras remotas. Vimos muitas tendas de beduínos, cabras, ovelhas e camelos pastando no "Uade"; imagens do antigo passado desenrolavam-se irresistivelmente diante de nossos olhos.

O historiador grego Estrabão (aproximadamente de 63 A.C. a 24 A.D., geógrafo e historiador, defensor da teoria geocêntrica), escrevendo no primeiro século de nossa era, relata que "os mercadores de camelos viajavam (nesta área) apenas durante a noite, guiando-se pelas estrelas e, da mesma forma que os marinheiros, também levavam água consigo nas viagens." (Estrabão, p. 121). Léhi pode ter feito o mesmo.

Levando toda sua família e seus animais carregados de provisões, Léhi não escaparia dos perseguidores, caso houvesse algum; e os habitantes do deserto, especialistas em trilhas, poderiam ter sido empregados para levar Léhi para o sul, caso tivesse de se esconder.

Todavia, soubemos de nossos amigos, da regra imutável da península arábica que poderia ter sido utilizada por Léhi — a regra do asilo. Uma vez que um "chefe de tribo árabe concorde em receber um refugiado, a tribo deve protegê-lo contra todos os inimigos. É claro que se o xeque recusá-lo, ele poderá ser morto instantaneamente. Léhi pode ter-se utilizado desse antigo código ao viajar da jurisdição de uma tribo para outra.

Provisões

Sabemos que Léhi levou "provisões" em sua jornada. (1 Néfi 2: 4); e tentamos determinar quais teriam sido. Sabemos que incluíam suas tendas, e provavelmente mantimentos como trigo, farinha, cevada, leite fermentado e desidratado, azeite de oliva ou sésamo, azeitonas, tâmaras, alguns utensílios de cozinha, roupas de cama e armas, como arcos, flechas e facas.

Aceitamos o convite de um jovem beduíno, cuja família era razoavelmente abastada pelos padrões nômádicos. Ao chegarmos à tenda, pudemos ver tudo o que possuíam. Havia um jumento pastando à porta de entrada, um cavalo e um camelo mais ao longe, ovelhas e um peru andando à volta. Adentrando a tenda negra, rígida, vimos cestos tecidos à mão pendurados às estacas centrais, cheios de artefatos de cozinha (potes de cozer, panelas), e alguns cestos cheios até o meio com odres de água. Havia tapetes e travesseiros à volta do fosso de fogo; arreios e selas a um canto. Podíamos ver todo seu guarda-roupa dentro de uma velha caixa de papelão, disposta no outro canto. Não havia janelas, e a única luz era a que passava pela porta e a das brasas vivas do fogo. Não vimos nenhum brinquedo. A tenda negra, pesada, de pêlo de cabra com algumas partes brancas, tecidas com lã de ovelha, era segura por cordas e estacas. A única água era a dos odres.

Havia uma parte destinada às mulheres, na tenda, e as mulheres de nosso grupo foram convidadas a experimentar algumas de suas roupas e jóias. As mulheres usam vestidos negros belamente bordados com de-



Nozes, cereais e condimentos para venda em um mercado de Jerusalém. Embora muitas coisas tenham mudado no Oriente Médio desde o tempo de Léhi, a maioria dos produtos alimentícios de hoje são os mesmos que a família de Léhi deve ter usado.



Este mercador árabe armazena mel em uma bolsa de pele de cabra. Essas bolsas têm sido usadas durante milhares de anos, não só para mel, mas também para cereais, água, incenso e muitas outras coisas.

senhos multicoloridos de flores e animais. Suas cabeças estão sempre cobertas com xales que variam de cor conforme o costume tribal. Véus negros cobrem suas faces, quando deixam a segurança da tenda.

A roupa masculina era simples, consistindo de uma longa túnica branca e um turbante — no tempo do calor. No inverno, acrescentam à indumentária uma “aba” ou sobretudo, tecido à mão, de grossa lã de carneiro. É muito quente e protege do orvalho e das chuvas ocasionais. E também serve como cobertor.

Tudo o que até agora foi descrito é de interesse, porque as condições de vida dos beduínos mudaram muito pouco desde 600 A. C. Assim sendo, as posses de nossos amigos beduínos podem ser similares às que o grupo de Léhi levou consigo em sua jornada.

Outra razão pela qual Léhi, a despeito de sua riqueza, deve ter viajado sem esta, é a proteção contra as tribos saqueadoras do deserto, que, naturalmente, “investigariam” uma caravana pequena exibindo muitos bens.

Léhi provavelmente levou suas provisões em sacos de pele de cabra, que, descobrimos, são ainda utilizados durante toda a trilha na península arábica.

Num mercado de Aqaba, encontramos um saco para água, odre de aparência antiga feita com a pele de uma cabra adulta de bom tamanho. As pernas dianteiras haviam sido costuradas uma à outra, com uma tira de couro cru formando uma alça, e o dorso também fora fechado da mesma forma. Fechadas as pernas traseiras, a pele do animal era impermeável. O pescoço era a abertura do odre.

O velho odre de pele parecia muito surrado, mas ficamos surpresos quando o homem de quem o compramos nos informou que era usado há pelo menos dez gerações. Céuticos, perguntamos como uma pele poderia ser curtida de maneira que ainda fosse flexível e impermeável após tanto tempo. O mercador replicou que seu povo enche um odre novo com mel e leite de camelo, e o enterra por seis meses. Ao ser retirado do solo, ao fim desse tempo, o pêlo já caiu todo, e a

pele está totalmente curtida. Nossos amigos árabes confirmaram que este é, na verdade, um dos métodos de curtição conhecidos, e que não seria impossível um odre bem curtido durar cerca de duzentos ou trezentos anos, ou até mais.

Não há meios de alguém viajar pelas terras de Jerusalém até a costa leste do Mar Vermelho sem passar por Aqaba; não há, com certeza, estradas modernas que a contornem. Pode ser que Léhi não tenha querido que sua família permanecesse muito tempo na cidade — e, de fato, eles prosseguiram por três dias pelo deserto — mas devem, pelo menos, ter enchido seus odres de água, e pode ser até que tenham passado uma noite. Nessa ocasião, eles já deveriam estar viajando de dez a quinze dias, e o oásis — com suas majestosas tamareiras e aleandros com suas flores brilhantes — deve ter sido uma visão agradável tanto para animais como para o homem. Vimos, pelo menos, duas dúzias de poços de água doce, alguns com apenas 2,5 metros de profundidade.

Perto de Aqaba, as águas límpidas e azuladas do Mar Vermelho brilham oscilantes, à luz do claro sol do deserto.

A visibilidade embaixo da água chega a 45 metros, o que é espantoso. Toda a extensão da praia, por muitos quilômetros, mostra recifes e corais multicoloridos adornando a costa, e as águas claras estão cheias de milhares de peixes tropicais maravilhosamente coloridos. Este lugar seria uma deliciosa mudança para Léhi, após seus dez dias de marcha pelo deserto desde Jerusalém.

Pela nossa pesquisa, sabíamos que uma usina siderúrgica vinha funcionando ali desde o século 9 A.C., pelo menos, e ficamos frustrados por encontrar as antigas fundições do Rei Salomão em zona de guerra.

Néfi, durante os dias em que construiu o navio, em Abundância, menciona que fez um fole de peles para auxiliar a fundição de minério (1 Néfi 17:11.)

Ficamos, portanto, interessados ao descobrir foles de pele em um velho “suk” (área de mercado) em

Salala, que julgamos ser a terra de Abundância. Os tais foles estavam pendurados, enegrecidos e desprezados, nas paredes de uma oficina de ferreiro. Este nos contou que haviam sido usados por seu pai, seu avô, e assim por diante, por vinte e quatro gerações (aproximadamente seiscentos anos). Jamais havíamos visto foles como aqueles; não eram do tipo que se bombeia, como os europeus, mas eram mais parecidos com um acordeão. O pescoço da pele de cabra curtida estava preso em volta de um tubo de ligação de madeira, que se encaixa num gargalo de ferro, o qual, naturalmente era colocado debaixo do fogo. Fez-me lembrar de um tubo de argila datado de 1.000 A.C., que havíamos visto no Museu de Israel, em Jerusalém, e que era usado para levar ar de um fole à forja. As quatro pernas da pele deste fole de Salala haviam sido cruzadas para trás e atadas cuidadosamente. Toda a parte traseira estava aberta, e a pele esticada e presa a duas varas paralelas, de forma que ficava parecida com uma bolsa de mulher que se fecha sob pressão. O ferreiro mostrou-nos como agarrar as duas varas na mão, mantendo-as separadas, enquanto puxávamos a pele para cima, para que se enchesse de ar, e então fechando-as, enquanto ele empurrava a pele para baixo, forçando o ar a se dirigir para o pescoço. Ficamos impressionados como funcionava bem; e imaginamos se haveria alguma diferença dos foles utilizados por Néfi.

Vendo a dificuldade e o cuidado necessário para se fazer ferramentas e instrumentos no deserto, pudemos compreender a atitude quase heróica de Néfi, sendo capaz de encontrar o minério, forjar suas próprias ferramentas e construir seu próprio barco.

Antes de nossa viagem havíamos lido algumas interpretações da referência, segundo a qual Léhi havia viajado "... por três dias no deserto..." (1 Né. 2:6.) Entretanto, o versículo cinco torna claro que começaram a contagem desses três dias a partir do momento em que o grupo chegou "... às margens do Mar Vermelho..." e continuando "... seu caminho pelo deserto que margeia o mesmo mar." (2 Néfi 2:5, grifo nosso.) Qual será a distinção? Ao chegarmos ao local, tornou-se mais claro o que Néfi deve ter querido dizer.

A planície costeira é apertada entre a área adjacente ao Mar Vermelho e as montanhas da península arábica. Sua área mais larga chega apenas a 77 quilômetros, junto a Djidda. (Ver ilustrações 7 e 9.) Chamada de "Tihama" pelos moradores locais, é uma velha rota de especiarias, e o caminho mais lógico que o grupo de Léhi deve ter seguido. Determinamos quanto longe Léhi poderia ter chegado em três dias e pesquissamos toda a área desde o sul de Aqaba, para ver se seríamos capazes de identificar eventualmente locais como o vale de Lemuel, e o rio Lamã. Naturalmente, examinamos cada leito seco de rio, praia e montanha bem de perto.

A coisa lógica a fazer, geograficamente, — na verdade, a única coisa a fazer, é afastar-se do Mar Vermelho e seguir para leste, subindo os montes da cadeia montanhosa, em curvas. Tempestades passadas encheram de areia e pedriscos os lugares acidentados,



Alto: Quando saiu de Aqaba, Léhi provavelmente subiu pelo Uade Umm Jurfayn. Por não haver nenhuma outra rota prática para a Arábia, pelo sul, a estrada atual também vem por este caminho. À distância, o Golfo de Aqaba, provavelmente a "fonte de toda retidão." (1 Né. 2:9.)

Baixo: A parte superior do Uade Umm Jurfayn junta-se ao de outro uade mais extenso — o Uade El Afal. Não longe daqui, Léhi provavelmente voltou-se para o sul e seguiu o Uade El Afal para o próprio Mar Vermelho.

como se ali fossem pavimentar uma estrada, numa extensão de quarenta quilômetros, até o ponto culminante, que fica a 1.040 m de altura. Pessoas sem animais poderiam ter viajado por essas montanhas, escalando as encostas íngremes, rochosas dos montes, ou beirando, exaustivamente para cima e para baixo, os píncaros pontiagudos, mas é óbvio que o "uade" é uma "auto-estrada" super-conveniente, — conforme testificaram os camelos que passavam em majestoso desdém por nosso carro.

No cume (veja ilustração 9), o "uade" divide-se. Um ramo leva ao deserto, na direção leste. Mas outro "uade" desce a montanha muitos quilômetros na direção sul, em longas curvas ociosas até a praia. Este "uade", chamado El Afal, corre paralelo à costa leste do golfo de Aqaba, mas as montanhas no entremeio esconderam-no de nossa visão. Descemos de carro por esse "uade", o qual achamos que corresponde "... às margens do Mar Vermelho..." , terminando finalmente num oásis, uma aldeia chamada Al Beda, na Arábia Saudita.



Alto: O Uade El Afal, que bem pode ter sido o "Vale de Lemuel" (Ver 1 Né. 2:10), desce gradualmente durante 160 quilômetros desde o cume até o mar. O declive liso e suave é ideal para viagens por camelo.

Baixo: Mais perto do Mar Vermelho, o Uade El Afal é flanqueado por penhascos altos e escarpados. Pode ter sido justamente nessa montanha que Néfi foi "levado pelo Espírito do Senhor." (1 Né. 11:1.)

Assim, juntamos essas pistas geográficas com a descrição dada por Néfi. É claro que esta reconstrução é simplesmente hipotética; um dos problemas é que não parece seguir a construção da sentença de Néfi, em sua seqüência, embora seu sentido possa encaixar-se no que descobrimos. As bordas do "...deserto que margeia o mesmo mar..." poderiam ser os 28 quilômetros entre Aqaba e Humaydah, onde a trilha e a praia praticamente se confundem. E as bordas das "...margens do Mar Vermelho..." poderiam ter sido o desvio continuando para leste e sul através dos 83 quilômetros dos "uades" de Umm Jurfayn e El Afal até Al Beda. Quando Néfi, mais tarde se refere a "...mantendo-nos nas partes... que acompanhavam as bordas do Mar Vermelho." (1 Néfi 16: 14), estava provavelmente designando a área na metade da costa, perto de Djidda, quando então estavam, mais uma vez viajando à beira-mar. Mas para nós, nossa descoberta do que "às margens" e "margeiam" significam, sugeriu-nos outra possibilidade igualmente excitante: Que Al Beda possa ter sido o acampamento de Léhi no vale

de Lemuel. Tínhamos um par de pistas que apoiavam esta conclusão (ainda apenas uma conjectura.) Pareceu-nos claro que as "margens" do Mar Vermelho eram a porção superior do "uade" no qual passaram a maior parte de seu tempo, e o "deserto que margeia o mesmo mar" representava a estreita planície costeira que se estende para leste até a primeira cadeia de montanhas. De repente, os termos de Néfi passaram a ter um grande significado para nós.

O patriarca Léhi ergueu sua tenda num vale, junto a um rio que desembocava no Mar Vermelho (1 Néfi 2: 8). Hoje em dia, em toda a península arábica, não há sequer um rio de qualquer extensão que corra o ano inteiro e desemboque no mar. A precipitação pluviométrica nesta área situa-se entre 10 a 24 mm por ano. Chove um pouquinho mais nas montanhas do Yemen, na ponta sudoeste e nas Montanhas Qara de Salala, Dhofar, em Omã, mas ainda não é suficiente para formar rios perenes. Assim, não há rios perenes hoje, que possamos identificar como o Rio Lamã. Nem os antigos registros indicam algum. Se tivesse havido algum, as pessoas teriam vivido às margens dele por séculos. Mas isso ainda não encerra o assunto.

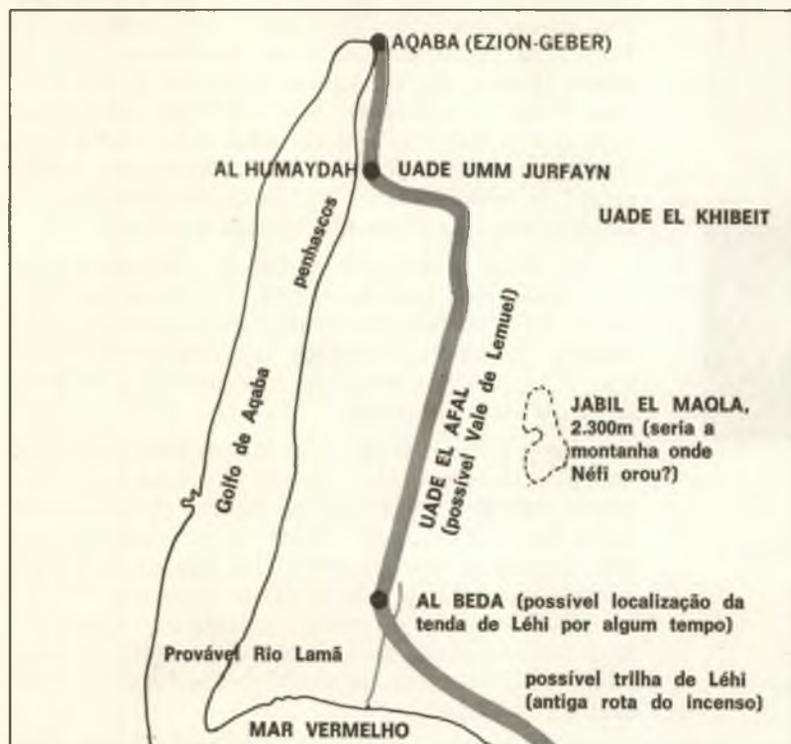
O Velho Testamento em hebraico usa duas palavras que são traduzidas em inglês como "rio" (N.T. = e, conseqüentemente, em português.) Uma palavra "nachalah", significa "torrente de inverno", mas é traduzida como "rio", ao descrever o Uade al-'Arish, ou o Rio Arnon.

Esses rios secam no verão. Mas as tempestades características da estação de inverno resultam em verdadeiras torrentes. Nosso guia, arqueologista e amigo Salim Saad, diz que os "uades" correm por dois ou três dias após uma tempestade, e que na península arábica, a estação chuvosa limita-se quase que completamente aos meses de janeiro e fevereiro. Quando a água desce, violenta, pela encosta das montanhas nuas, atingindo o leito largo, em declive dos "uades", "vem com muita força".

A segunda palavra hebraica "nahar", significa uma "corrente de água" perene. A palavra é usada no Velho Testamento com relação ao Rio Eufrates e Rio Nilo, que correm perenemente. Assim, a língua hebraica distingue as variações da palavra "rio".

É bem provável que após assistir a uma tempestade, derramando água sobre o Uade El Afal, Léhi tenha-se referido a uma "torrente de inverno", ou "nachalah", que ele descreve como "rio de águas". É também possível que a fonte de Al Beda formasse um pequeno córrego, que descia na direção sul por 34 quilômetros, desembocando no Mar Vermelho. O que na época seria um excesso de água hoje é absorvido pelo cultivo mais intenso no oásis.

É claro que o Uade El Afal e o Uade Umm Jurfayn não foram descoberta particular nossa. Eles faziam parte da rota principal e secular de incenso do sul até Aqaba, ao longo do Mar Vermelho; ainda assim, vimos poucos edifícios ou construções significantes pelo caminho. Havia uns poucos diques para controle de enchentes, mas nenhuma tenda de beduínos no curso principal desses dois "uades". Na parte mais baixa



Um dos muitos oásis da antiga rota do incenso, ao longo da costa oeste da Arábia. Nenhum viajante pode sobreviver durante muito tempo nesta região sem água; sem dúvida, Léhi parou em muitos desses oásis durante sua viagem.

Ilustração 9

Provável localização da tenda de Léhi no Vale de Lemuel (Também a rota do antigo caminho do incenso)

Distância

Aqaba a Al Humaydah (viajando pela costa) . . . 29 km
 Al Humaydah ao alto de Umm Jurfayn 40 km
 Do alto até Al Beda no Uade El Afal 33 km
 Os "três dias" de jornada (1 Né. 2:6) podem bem ser esse total 122 km
 Al Beda (provavelmente o desembocadouro do Rio Lamã) ao Mar Vermelho 34 km

da maior parte dos pequenos uades laterais que davam no "uade" principal, entretanto, podíamos ver tendas e rebanhos. Havia muita ração para camelos em forma de tufo de capim e tamargueiras no fundo dos "uades", cujas folhas eram pacificamente mascadas e comidas por jumentos, camelos, ovelhas e cabras.

Passávamos por uma nova estrada asfaltada que, tanto quanto nossos guias podiam determinar, seguia a velha rota das caravanas. Isto faz sentido, visto que há séculos os camelos vinham sendo atraídos pelos declives mais suaves, além do que os condutores de camelos também escolheriam a rota mais curta possível. Se nossas deduções estiverem corretas, passávamos exatamente sobre a rota que Léhi seguiu no Uade El Afal. Foi difícil para nós expressar nossos sentimentos. Se Al Beda foi, na verdade, o acampamento do Vale de Lemuel, esta foi, então, a base de onde os filhos de Léhi, por duas vezes voltaram a Jerusalém. Esse foi o lugar onde Léhi leu e estudou as placas de latão, e contou à sua família a própria genealogia.

Ali Léhi ofereceu várias ofertas queimadas (holocaustos). Ali ele teve o sonho da barra de ferro e da vinda do Messias. Ali também Néfi teve sua própria visão: da vida mortal do Cristo com seus apóstolos, da viagem de Cristóvão Colombo, de seu próprio povo entre a grande nação dos gentios na terra prometida, e da restauração da Igreja. Ali Néfi explicou a alegoria da boa oliveira e da oliveira brava. Ali deve ter ocorrido a plantação e colheita de acordo com as estações do ano, juntamente com a grande celebração de cinco casamentos no deserto. E foi também ali que, para grande espanto da colônia, a Liahona apareceu ao lado de fora da tenda de Léhi, para aconselhá-los e guiá-los a seu destino desconhecido.

É preciso que se atente para o fato de que a simples existência da rota de incenso com séculos de uso, não comprova que Léhi soubesse exatamente até onde deveria segui-la, ou soubesse qual o local onde poderia desviar-se da parte mais usada na trilha, a fim de seguir
 (Continua na pág. 25)



O Homem Que Morava Debaixo da Terra

Shirley Lee



Há muitos anos atrás, vivia um homem incomum que escolheu morar debaixo da terra. Algumas pessoas chegavam mesmo a chamá-lo de “toupeira humana”, porque as toupeiras são pequenos animais cavadores que passam a maior parte de sua vida debaixo da superfície da terra.

Muito embora ninguém seja suficientemente pequeno para penetrar nos escuros túneis cavados na terra, e habitados pelas toupeiras, milhares de pessoas

visitaram os Jardins Subterrâneos de Fresno, uma propriedade criada por Baldasare Forestiere. Essa “vivenda” incomum fica a pouca distância ao norte de Fresno, Califórnia, e está aberta ao público desde 1954.

O Sr. Forestiere nasceu em Messina, Sicília, em 1879. Aos vinte e um anos de idade veio para os Estados Unidos e trabalhou nas obras subterrâneas do metrô de Nova York.



Mais tarde, o Sr. Forestiere usou suas economias para mudar-se para a Califórnia. Comprou 800 hectares de terra perto de Fresno, que era como um deserto naqueles dias antes de ser construída uma barragem para irrigação. A temperatura ali atingia 49 graus centígrados, e o Sr. Forestiere achou que esse calor era muito difícil de suportar. Devido ao fato de a terra ser dura e ressecada, ele viu que não teria condições de plantar árvores frutíferas.

Lembrando-se de quão agradável tinha sido trabalhar no metrô de Nova York, decidiu construir túneis para escapar ao calor. Inicialmente ia cavar apenas alguns recintos para morar. Mas essa escavação durou quarenta anos, e seus recintos e passagens subterrâneas estenderam-se por 3 hectares. A maior parte dos aposentos foi edificada a 3 metros abaixo do nível do solo. Em alguns lugares ele também cavou um “segundo andar”, cerca de 7 metros no subsolo.

Embora tivesse apenas 1,60 m de altura, o Sr. Forestiene retirou centenas de toneladas de terra com

seu carrinho de mão. Ele possuía um talento natural para projetar aposentos e passagens (corredores), com as mais resistentes formas de construção conhecidas: o arco, a coluna e a abóbada. Criou uma interessante variedade de recintos, grutas e pátios iluminados pelo sol, debaixo da terra.

Os primeiros aposentos feitos pelo arquiteto subterrâneo consistiam de dois quartos com alguns detalhes interessantes. Escavou bancos ao longo das paredes, e fez chanfraduras para apoiar prateleiras. Aberturas no teto de cada quarto deixavam entrar ar e luz natural. No inverno, as mesmas eram cobertas com vidro, a fim de se evitar a chuva.

Posteriormente, construiu um apartamento mais bem elaborado, o qual incluía dois dormitórios e uma sala de estar, cozinha, capela, biblioteca e banheiro. Sua cama aninhava-se num nicho, a mesa era embutida para prover maior espaço, e tinha duas lareiras. Ele fez janelas de correr na cozinha, e uma janela panorâmica num dos dormitórios. Fez uma espécie de

“espião”, um orifício pelo qual pudesse ver quem vinha chegando, quando ouvia algum ruído.

Depois de o Sr. Forestiere ter vivido nesse lar por algum tempo, plantou flores, vegetais, arbustos, parreiras e árvores em algumas partes de seu intrincado labirinto subterrâneo, onde podiam receber luz solar e arejamento adequados. Experimentou vários tamanhos e tipos de clarabóias para esse propósito. Muitas das árvores foram plantadas em jardineiras no centro das salas e jardins.

Algumas árvores produziam uma estranha combinação de frutos, resultado dos enxertos experimentais do Sr. Forestiere. Sua “árvore do segundo andar”, cultivada a 7 metros abaixo do nível do solo, produz sete diferentes tipos de frutas cítricas: dois tipos de laranja, limão doce e azedo, tangerina, “grapefruit”, e

cidra. Outras plantas dos jardins subterrâneos incluem a uva, amora silvestre, tâmara chinesa, hibiscos, roseiras, tamareiras, abacateiros, amendoeiras, marmelo, morango, dois tipos de pera, figos, altéia e ameixa-amarela, além de um cacauero, de cujos grãos pode-se extrair cacau em pó e o chocolate.

A fim de obter nutrição para suas plantas, o Sr. Forestiere fez muitas viagens em seu “pick-up” Ford, modelo T (de 1920), para trazer terra fértil preta deixada por antigos lagos, situados a 120 quilômetros de distância. Água nos níveis necessários foi providenciada através de um poço e de uma bomba. O Sr. Forestiere construiu até um aquário para criar peixes dourados e tropicais, com locais para observá-los de cima e debaixo da terra.

Nos anos mais recentes, o homem deixou a terra e caminhou sobre a lua. Construiu submarinos que se



tornaram lares temporários abaixo da superfície do mar. Vários livros de ficção científica foram escritos sobre pessoas que viveram debaixo da terra. Entretanto, é notável que esse homem talentoso tenha construído, há mais de cinquenta anos atrás, um lar tão habitável, tão interessante, e tão raro, que milhares de visitantes vêm anualmente maravilhar-se com sua realização.



O AMOR DE UM PROFETA A SEUS PAIS

Por Susan Arrington Madsen

O Profeta Joseph Smith sabia que sua vida estava em perigo. Turbas iradas seguiam-no por todo lugar, ameaçando sua vida e a de seus familiares. E, finalmente, no outono de 1838, ele havia sido preso novamente em Far West, Missouri.

Ao ser amarrado e empurrado para dentro de um carroção coberto de lona, solicitou o privilégio de dizer adeus a sua mãe, Lucy Mack Smith, que, em lágrimas, o observava sendo levado. Os oficiais recusaram-se a deixar o Profeta sair do carroção, e então, ele chamou a mãe, pedindo-lhe que se aproximasse. Procurando nervosamente, encontrou um rasgo na lona, por onde pôde esticar o braço para tocar a mão de sua mãe, num último adeus. O simples ato de tocar sua mão pareceu-lhe importante, enquanto o carroção rapidamente moveu-se, e Joseph foi levado para a cadeia de Liberty. Ali foi confinado numa cela escura e lotada, por seis meses.

Joseph sempre sentiu um grande amor pelos pais, e muitas histórias nos falam de sua preocupação com o bem-estar deles, e seu desejo de honrá-los. Um desses relatos conta-nos da época em que Joseph era ainda um rapazinho e teve de sofrer uma operação na perna. Em vez de fazer com que a mãe visse ou assistisse a



seu sofrimento, ele lhe implorou que deixasse o quarto durante a dolorosa e temível experiência. Pediu ainda que não o amarrassem na cama, mas que o pai o segurasse nos braços durante a operação.

Quando já mais velho, passou muitos dias sentado à beira da cama dos pais, tratando deles para que recobrassem a saúde. Toda vez que mudou seu lar para um outro local, providenciou para que fosse cons-



truída uma casa perto da sua, onde seus pais pudessem habitar, e assim pôde tê-los junto de si, como companhia e conselheiros.

A mãe de Joseph fala da felicidade do Profeta, quando seu pai, Joseph Smith Sr., foi batizado em 1830: "...Joseph ficou em pé na praia, e, tomando o pai pela mão, exclamou, com lágrimas de alegria: 'Louvado seja Deus! Pois que vivi para ver meu pró-

prio pai batizado na verdadeira Igreja de Jesus Cristo!'"

Outro evento que mostra o amor e respeito que Joseph tinha por seu pai aconteceu certa vez, depois de desentender-se com seu irmão William. Joseph foi pedir conselho ao pai, e a querela foi resolvida quando o jovem Joseph obedientemente aceitou as palavras paternas.

Certa ocasião, Joseph testificou da grande bênção que era ter pais "cuja idade madura e experiência permitia-lhes aconselhar melhor."

Ao nos lembrarmos do aniversário de Joseph no dia 23 de dezembro, será bom pensarmos acerca do grande amor e respeito que ele nutria por seus pais. E estes, por sua vez, o amavam e apoiavam. Seu pai e sua mãe foram os primeiros a saber e crer na história contada por Joseph, da aparição do Pai Celestial e de Jesus Cristo no Bosque Sagrado. Ambos estavam presentes no dia 6 de abril de 1830, quando a Igreja foi organizada. Em 1833 seu pai foi ordenado o primeiro patriarca da Igreja, e um ano depois tornou-se um dos presidentes assistentes.

Tão grande era o amor de Joseph aos pais, que escreveu em seu diário: "Bendita seja minha mãe, porque sua alma está sempre cheia de benevolência... e... bendito seja meu pai, porque a mão do Senhor o cobrirá..." (Manuscript Story, 18 de dezembro de 1833. Ver **Ensinamentos do Profeta Joseph Smith**, p. 40.)





AMON

Mabel Jones Gabbott

O que você perguntaria, se um rei poderoso lhe dissesse: — Poupe minha vida, e eu lhe darei o que quiser, mesmo que seja metade de meu reino?

Amon sabia exatamente o que queria. Ele e Lamôni, rei da terra de Ismael, estavam a caminho da terra de Midoni, onde os irmãos de Amon se encontravam presos.

O Rei Lamôni queria que Amon fosse com ele à terra de Néfi, para poder mostrá-lo a seu pai. Mas a voz do Senhor dirigiu-se a Amon, dizendo: — Não vá à terra de Néfi, porque o rei procurará tirar sua vida; mas vá à terra de Midoni, porque seu irmão Aarão, Muloki e Ammah estão aprisionados.

Então Amon disse a Lamôni que não iria à terra de Néfi com ele. — Meus irmãos estão na prisão, — explicou, — tenho que libertá-los.

Lamôni respondeu: — Sei que, com a força do Senhor, você poderia salvá-los sozinho. Mas irei com você, porque o rei da terra de Midoni é meu amigo. — Então ele perguntou: — Mas quem lhe contou que seus irmãos estão na prisão?

— Ninguém, — disse — Amon, — exceto Deus que me disse que devo ir até lá e libertá-los.

Lamôni já havia feito com que seus servos aprontassem os cavalos e carruagens, e eles partiram. A caminho, encontraram o pai de Lamôni, que era o rei de todas as terras. Ele estava muito zangado com Lamôni.

— Por que não veio à festa que planejei para você? — perguntou. — E aonde você vai com este nefita?

Lamôni explicou-lhe como Amon havia salvado seus rebanhos dos lamanitãs junto às águas de Sebus;

e depois contou ao pai como ele, Lamôni, e seu povo haviam recebido a palavra de Deus e haviam sido batizados.

O pai de Lamôni ficou muito zangado. Declarou que Amon era certamente um mentiroso e um ladrão, e mandou que Lamôni matasse Amon com a espada.

Embora Lamôni ficasse triste por desobedecer ao pai, disse: — Não matarei Amon, e vou ajudá-lo a libertar seus irmãos da prisão, porque sei que são homens justos e santos profetas do verdadeiro Deus.

Amon podia ver que o pai de Lamôni ficara ainda mais irado com essas palavras. O velho rei sacou da espada para matar tanto Lamôni como Amon. Mas Amon conteve seus golpes. Arrancou a espada da mão do rei, e logo o teve à sua mercê. Quando o rei viu que Amon poderia matá-lo, começou a implorar: — Poupe minha vida, e eu lhe darei o que desejar, mesmo que seja metade de meu reino.

Amon respondeu: — Primeiro, permita que meus irmãos sejam tirados da prisão. Em seguida, não fique descontente com seu filho, o Rei Lamôni, mas permita que ele governe seu reino de acordo com o que lhe parecer melhor para seu povo.

O velho rei ficou muito surpreso pelo fato de Amon nada pedir para si. Regozijou-se por Amon ter-lhe poupado a vida; e agradeceu-se com o fato de que esse homem poderoso e forte amasse tanto a Lamôni. Todos os desejos de Amon foram concedidos. Depois, o velho rei acrescentou: — Quando resgatar teus irmãos, venha ver-me, pois estou desejoso de aprender mais de suas palavras.

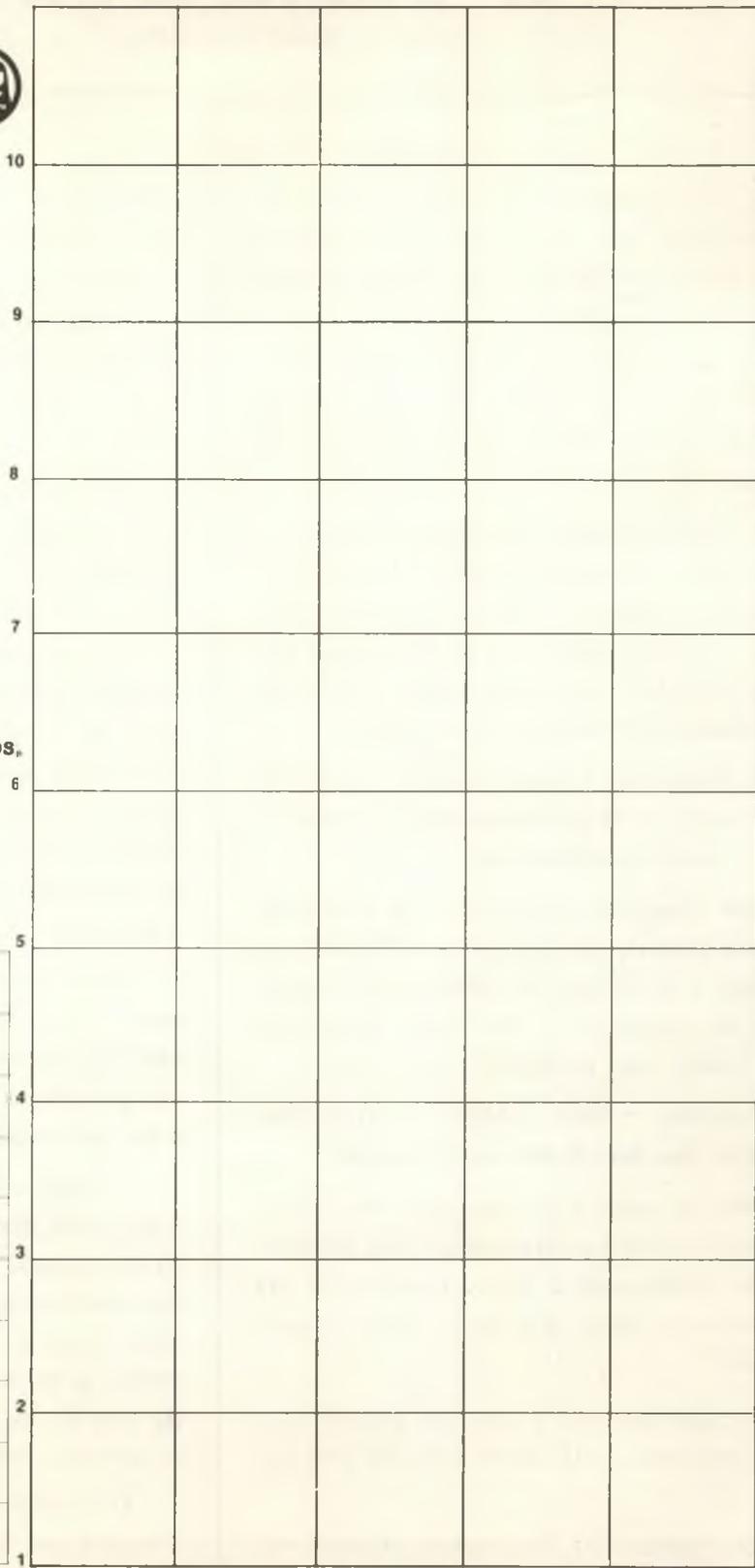
O altruísmo de Amon e sua bravura salvaram o amigo e seus irmãos, e mais outra porta para a obra missionária foi-lhe aberta.

SÓ PARA DIVERTIR



DESENHE O PROFETA JOSEPH SMITH JR.

Para reproduzir a gravura em tamanho maior, desenhe seu esboço nos espaços quadriculados, assegurando-se de que suas linhas cortam os quadrados da mesma forma como no original.



(Continuação da pág. 16)

um trajeto menos utilizado. Destarte, Léhi realmente precisava da Liahona. É claro que a Liahona foi usada e dada à família de Léhi tanto para orientação espiritual como direcional durante as viagens. A Liahona funcionava apenas quando eles obravam em retidão. A recusa ao arrependimento fazia com que perdessem o caminho, tanto física como espiritualmente. A analogia é instrutiva.

Há várias montanhas magníficas junto a Al Beda, para as quais Néfi poderia ter sido arrebatado, a fim de ter sua visão completa e detalhada a respeito da missão do Salvador e dos acontecimentos históricos mais importantes até o final dos tempos. (V. 1 Néfi 11-14.) A montanha mais próxima e mais alta fica 31 quilômetros a nordeste de Al Beda: é chamada de Jobal Al Lawz, atingindo 2.550 m acima do nível do mar.

Léhi deu ao rio de águas que corriam diante de sua vista o nome de seu filho mais velho, Lamã. Néfi registra que Léhi quis mostrar o aspecto moral do rio a seu filho, quando "... viu que as águas do rio desagavam no Mar Vermelho..." (1 Né. 2:9.) Talvez isto indique que Léhi não podia ver, de seu acampamento, que as águas avançavam até o Mar Vermelho. Al Beda está localizada 34 quilômetros ao norte de onde o "uade" deságua no Mar Vermelho.

Uma exame de nossos mapas também nos sugeriu o significado da frase "fonte do Mar Vermelho" (1 Né, 2:9, em inglês. Em português foi omitida a expressão "fonte". N.T.) Uma fonte é a nascente, a origem; e é claro que o Golfo de Aqaba, servindo como extremidade nordeste do Mar Vermelho, podia ser considerado a fonte daquela massa maior de água.

Léhi descreve o vale de Lemuel como sendo "... firme, constante, e imutável..." (1 Né. 2:10.) A aparência atual do Uade El Afal é em verdade essa: seu vale firmemente delineado pelas sólidas montanhas.

E assim nossos corações se regozijaram. Havíamos localizado um forte candidato para o local do vale de Lemuel. Sentimos um espírito especial no Uade El Afal junto ao oásis de Al Beda, na Arábia Saudita.

Tendas

Tentamos, em seguida, visualizar os detalhes daquele acampamento onde, de acordo com nossa estimativa, Léhi deve ter permanecido cerca de três anos. O aspecto mais peculiar em nossa reconstrução mental foi a presença das tendas. Deve ter havido umas nove, após a família de Ismael haver-se juntado ao grupo, uma tenda para cada casal. Se as tendas que vimos armadas por toda a península arábica eram típicas daqueles habitantes, que as haviam utilizado por séculos, podíamos ter uma boa idéia do tipo das tendas de Léhi. Na verdade, não é uma suposição incerta a que fazíamos, pois os historiadores dizem que não houve mudança substancial nas "beit shaar" (casa de pêlos) no transcorrer dos tempos.

O Velho Testamento descreve as tendas como "negras". (Em português está escrito "morena". Cantares de Salomão 1:5, N.T.), feitas de "pêlos de cabra", e contendo divisões, ou "cortinas" (Êx. 36:14), e tendo à "... porta... uma cobertura..." (Êx. 26:36.)

As "casas de pêlo" que visitamos e estudamos eram oblongas e tinham um telhado com extremidades pendentes. As tendas menores tinham 9 estacas de apoio, sendo que as três maiores situavam-se em linha no centro, e as três mais curtas eram dispostas de cada lado. Cordas, também tecidas com pêlo de cabra, estendem-se por fora até espeques (chamados estacas antigamente) enterrados no chão. (Ver Juízes 4:21.) Cada tenda é dividida lateralmente em dois ou mais cômodos por uma cortina ou cortinas; ao menos uma seção para os homens, e outra para mulheres e crianças.

Não temos como saber se as tendas de Léhi refletiam sua verdadeira condição econômica de homem rico, ou se ele deliberadamente escolheu tendas negras comuns.

Um camelo dá cerca de 4,5 quilos de pêlo por ano; as cabras produzem menos. O pêlo é fiado de modo a produzir fios grossos em rocas manuais. Este fio produz tecido tão espesso como um tapete, pesado e forte, mas também muito áspero e duro.

A "casa de pêlos" proporciona uma sombra fresca durante o calor do verão; com as partes laterais descidas, conserva o calor no inverno. As tendas são pesadas, e muito embora sendo portáteis, é óbvio que Léhi precisou de animais para transportá-las. A medida de uma tenda de beduínos é de cerca de 9 m de comprimento e 4,5 m de largura. Um camelo poderia carregar uma tenda pequena; e outro levaria as estacas, geralmente com uma das pontas pela areia.

As tendas dos xegues (chefes tribais) são de tamanho proporcional à sua riqueza, mas confeccionadas do mesmo material e madeira, em seções separadas, com cordões para amarrá-las, sendo que cada uma era o fardo para um único animal.

Léhi deve ter permanecido várias estações em alguns lugares, para fazer sua jornada no deserto durar oito anos. Parece que um desses demorados acampamentos foi o vale de Lemuel, onde talvez fizeram plantações. Léhi trouxe "provisões" quando deixou Jerusalém, mas não é provável que tenha trazido grandes quantidades ou muita variedade. Néfi explica que, após terem habitado em uma tenda (1 Né. 16:6), e terem permanecido no deserto (1 Né. 8:2), juntaram "... todas as qualidades de sementes, de toda espécie, tanto de grãos como de frutos." (1 Né. 8:1, grifo nosso.) A cevada e o trigo eram bem conhecidos entre os descendentes de Néfi (Mosiah 9:9), e o centeio conhecido antes dos dias de Léhi, na Palestina (Isa. 28:25). Talvez fossem esses os "grãos" de toda espécie, a que se referiu Néfi. O Livro de Mórmon também nos fala de uvas, azeitonas e figos como meios de subsistência de seus personagens. (1 Né. 10:12; 3 Né. 14:16.) Outros frutos cultivados em profusão no Oriente Médio nos dias de Léhi, embora não mencionados no Livro de Mórmon, são as tâmaras, os cocos e romãs.

É bem provável que a colônia de Léhi plantou ou comprou muitas dessas plantas durante o período em que habitou no vale de Lemuel. Já que eram provenientes de uma área agrícola, e já que havia um "rio de água" (o qual, mesmo intermitente, poderia irrigar algumas plantações) disponível no local, devem

ter cultivado sua própria plantação e, provavelmente, usufruído uma dieta relativamente variada durante esse período.

Casamentos

Além das tarefas diárias já mencionadas, sabemos de cinco alegres celebrações que tiveram lugar nesse vale — cinco casamentos. Nas famílias semitas evento algum é mais celebrado pelos membros ou mais ansiado por uma filha, do que o casamento. É o único dia na sua vida em que sua importância é maior que a do homem. No deserto, os preparativos para esses casamentos são muito trabalhosos, já que é preciso confeccionar não somente o vestido de noiva, mas também uma tenda para os recém-casados. Os costumes tradicionais exigem que toda a população da vizinhança seja convidada para as festividades. Deixar de convidar alguém faria com que o casamento não fosse aceito, culturalmente.

Os quatro filhos de Léhi e mais Zoram, o ex-servo de Labão, deveriam casar-se. Felizmente, havia exatamente o número certo de filhas na família de Ismael. Que Ismael tivesse cinco filhas em idade suficiente para casar, parece incomum; muitas meninas são prometidas em casamento, ou noivam enquanto crianças, e casam-se aos treze anos. É mais incomum ainda que uma daquelas filhas, a mais velha, concordasse em casar com Zoram — um ex-escravo.

Era costume, na antiga Israel, o pai ou outro parente masculino escolher a esposa de um jovem, e fazer os preparativos para o casamento. Léhi, sem dúvida, agindo em favor de seus quatro filhos, negociou com Ismael, mesmo que tais “negociações” possam ter sido mera formalidade baseada em arranjos prévios. Zoram, que não tinha família, foi, provavelmente, incluído nas negociações como filho, em virtude da promessa de Néfi de que “...terás lugar conosco”. (1 Né. 4:34.)

Se foram seguidos os costumes israelitas, as negociações produziram cinco noivados. Usualmente, o noivado começava quando o noivo pagava o “mohar” (dote) ao pai da noiva, como compensação pela perda da filha, e terminava no casamento. Esse período não durava mais que um ano. Durante o noivado, o casal referia-se ao outro como “marido” e “esposa”, e entendia-se que já estava incluído um convênio de fidelidade.

O casamento no Velho Testamento não requeria sanção governamental ou religiosa; era um problema familiar, consistindo de um convênio público de fidelidade e reconhecimento do casamento pelos votos apresentados por familiares e amigos. Uma parte visual do casamento era a festa que, às vezes, durava uma semana, abrihantada por cortejos, música e dança. Considerando-se a possibilidade de que todos os cinco casamentos foram realizados simultaneamente, a celebração deve ter sido pródiga, talvez incluindo nas festividades também os nômades locais.

Em Direção ao Sul

Após Léhi haver conseguido e realizado tudo o que era necessário no acampamento de Lemuel, encontrou uma esfera de latão “esmeradamente trabalhada”

à porta de sua tenda. Continha duas agulhas, uma das quais indicava o caminho que deveriam seguir no deserto. (1 Né. 16:10.) A Liahona foi chamada de “bússola” em pelo menos cinco lugares diferentes do Livro de Mórmon (Alma 37:38, 43, 44; 2 Né. 5:12; 1 Né. 18:12), mas funcionava apenas de acordo com a atenção e fé que lhe dedicavam (1 Né. 16:28), e não conforme o magnetismo da terra. Um dos ponteiros, de tempos em tempos, apresentava alguns escritos. (Ver, p. ex., 1 Né. 16: 26-27, 29.)

Enquanto estudávamos nossos mapas atentamente na Cidade do Lago Salgado, ficamos imaginando por que razão teria o Senhor dado a Liahona a Léhi naquele exato local, quando tudo o que teriam de fazer era seguir a bem marcada trilha do incenso. Observando as Escrituras juntamente com a conformação do terreno, tivemos algumas idéias:

1. O fato de a Liahona mostrar “...o caminho a seguir no deserto” (1 Né. 16:10) era uma clara indicação de que o grupo de Léhi deveria continuar seguindo o rumo sul-sudeste, em vez de cruzar o mar naquele ponto ou ir a leste pelas montanhas. Esta direção coincidia com a rota relativamente segura do incenso.

2. Entretanto, a “trilha” era tão larga como a planície costeira — quase 77 quilômetros na parte mais larga. As caravanas, procurando alimento para os camelos, se utilizariam, é claro, de toda sua largura. Um pouco abaixo, pela costa, depois de Shazer, Néfi especifica que a Liahona lhes indicava o caminho “...mantendo-nos nas partes mais férteis do deserto...” (1 Né. 16:14), possivelmente áreas de pastagem alimentadas pela chuva, assim como poços d’água mais copiosos ou menos utilizados.

3. A Liahona foi um instrumento de vital importância quando Néfi, com seu novo arco de madeira, perguntou onde deveria ir para obter alimento. A esfera indicou-lhe o “cume da montanha”, onde, realmente, encontrou caça. (1 Né. 16: 30-31.)

4. Néfi não menciona as indicações da Liahona ao continuarem a jornada, mas certamente ela foi a razão por que viajaram “...tomando aproximadamente o mesmo rumo do princípio...” (1 Né. 16:33.)

5. Mais ao sul e a leste, tiveram de decidir sobre qual rota tomar, pois a rota de incenso se bifurca, dirigindo-se uma ramificação para o sul, para as cidades populosas e promitentes de bons negócios, e outra para leste, percorrendo um caminho mais difícil. É provável que novamente a Liahona tenha indicado a direção leste.

Seguindo as primeiras indicações dadas pela Liahona, Léhi deu instruções para levantarem o acampamento do vale de Lemuel. O grupo atravessou o Rio Lamã, e então seguiu “...na direção aproximada a sul-sudeste...”, “...pelo espaço de quatro dias...”, chegando a um lugar a que deram o nome de Shazer. (1 Né. 16:13.) Calculamos que esta parte de sua jornada levou-os para baixo, até às costas do Mar Vermelho, onde desceram o Tihama. Se aceitarmos os 115 quilômetros desde Aqaba até Al Beda como sendo a jornada de três dias pelo deserto (cinquenta e oito quilômetros por dia), então uma jornada de quatro dias percorreria cerca de 154 quilômetros. Isso levaria

a colônia aproximadamente até o Uade Al Azlan, por muito tempo um grande e importante oásis na planície costeira do Mar Vermelho, o qual pode ter sido a localidade de Shazer. A área é atualmente uma extensão de areia estéril, tendo a leste ondulantes montanhas, e o azul brilhante do Mar Vermelho a oeste. Esta rota, é claro, é a antiga rota do incenso pelo litoral, e assim, não teria apresentado problemas para os viajantes citadinos seguirem.

Ao longo de todo esse trecho da planície costeira, não há oportunidade de uma caravana seguir para o interior, já que a cadeia de poços segue a costa do Mar Vermelho. Em toda a costa, vimos poços de água laboriosamente cavados à mão e murados com pedras. Em termos de acesso à água, a tradição do deserto considera-a uma dádiva de Deus ao homem, e não algo a ser possuído e reservado, mas algo a ser gozado, para se ter regozijo, e compartilhar-se livremente com os hóspedes. Água é a vida no deserto; Léhi não poderia ter ido longe sem água para sua família e os animais beberem.

Se estivermos corretos em supor que as estações de plantio daqueles oito anos foram passados cultivando plantações, ele deve ter tido acesso à água para irrigação. Vimos muitos antigos poços, fontes e cisternas pelo caminho, ao lado de poços perfurados modernamente.

Por vezes vimos fontes copiosas, cuja água estava cuidadosamente canalizada para melhor distribuição do precioso líquido. Mas jamais vimos uma fonte de água fresca sem povo e animais pela vizinhança.

Grandes mapas da rota que Léhi pode ter seguido, elaborados pelo Ministério de Recursos Naturais da Arábia Saudita, mostram 118 mananciais ou poços antigos ao longo de todo o caminho. Os mapas fazem distinção entre poços “cavados”, que são antiqüíssimos, às vezes de milhares de anos, e os poços “perfurados”, em funcionamento há somente algumas décadas. Se concluirmos que a água disponível hoje em dia, extraída dos velhos poços cavados ao longo do caminho, é mais ou menos a mesma como nos dias de Léhi, vemos que a distância média entre cada uma dessas fontes de água é de 29 quilômetros, sendo que o maior trecho sem água é de 106 quilômetros. O mapa mostra-nos dois trechos entre Aqaba até Salala, em que a água é tão escassa, que tornaria a viagem bem difícil. A primeira é a jornada de Djidda, na Arábia Saudita, até Al Kunfidha, bem junto ao paralelo dezenove, que pode ter sido o acampamento de Léhi — denominado Naom, onde morreu Ismael (Ver 1 Néfi 16:34.) O espaço existente entre as fontes de água nesta área é de 38 quilômetros, em média. O segundo trecho arenoso aparece na parte leste da jornada, dirigindo-se de Nadiran (perto de Naom), na Arábia Saudita, até Salala, em Omã, onde a água foi encontrada a cada 42 quilômetros, em média. Um detalhe interessante é que estes dois segmentos da viagem foram os mais difíceis para o grupo, de acordo com o relato de Néfi. (Ver 1 Né. 16:20, 17:1.)

O Arco Quebrado.

O Livro de Mórmon nos conta que Néfi e seus irmãos matavam animais selvagens com arcos, flechas,



Aqui na área de Aba, onde Léhi provavelmente se voltou para o leste, o viajante encontra altas montanhas como estas — região difícil que poderia ter causado “muitas aflições” no deserto. (1 Né. 17:1.) Este estreito uade é uma das trilhas antigas que serpenteiam do Mar Vermelho até o planalto de Aba.

fundas e pedras. (1 Né. 16:23.) Um guia local nos disse que atirava em gazelas às centenas, quando jovem, apenas por “gostar de apertar o gatilho”. Contou que, nas montanhas, existem animais selvagens, gazelas, árix, cabritos monteses, pombos, galos silvestres, perdizes, lebres e alguns animais domesticados, como cabras, cavalos, jumentos, camelos e cães. Normalmente os cães são galgos velozes, treinados para caçar lebres. Chamado “saluki”, esse cão é popular entre os nômades, e quase toda família possui um. Há muitos outros animais que a colônia de Léhi provavelmente não cogitou usar como alimento, mas que faziam parte da fauna local: lobos, chacais, corujas e cobras. As locustas (gafanhotos), permitidas pelo costumes dietéticos judaicos (ver Lev. 11:21-22), são também encontradas na área.

Os beduínos consideram-nas uma verdadeira “gulo-seima”, desidratam-nas e armazenam-nas para serem comidas durante o ano inteiro; mesmo os cachorros as apreciam. A “estação da locusta”, que ocorre uma vez em vários anos, é uma espécie de “pequeno dia de ação de graças” para os habitantes do deserto. (William Tracy, “A Talk with Violet Dickson”, **Aramco World Magazine**, Nov.-Dez. 1972, 23: 17.)

Foi enquanto viajávamos pela costa do Mar Vermelho, nas vizinhanças da moderna Djidda, que compreendemos como o arco de aço de Néfi deve ter-se partido, e de como os arcos de madeira de seus irmãos devem ter perdido sua elasticidade. (Referências bíblicas a respeito de arcos de aço encontram-se em 2 Sam. 22:35; Salmos 18:34; Jó 20:24). O incidente do arco quebrado aconteceu após haverem viajado “pelo espaço de muitos dias” (Néfi repete essa afirmativa duas vezes. Ver 1 Néfi 16: 15, 17), e de haverem acampado para descansar por uma temporada. Isso seria natural para um grupo viajando à velocidade determinada pela presença de mulheres e crianças. Já que Néfi

nos afirma novamente que viajaram “pelo espaço de muitos dias” (1 Néfi 16:33) para chegar a Naom depois de deixarem o acampamento do arco quebrado, pode ser que este se situasse na metade do caminho entre Shazer e Naom. Isto localizaria o incidente nas circunvizinhanças de Djidda, Arábia Saudita, onde o clima é uma combinação nada misericordiosa de calor, umidade, areia e sal — força suficiente para destruir o aço! Vimos, atônitos, os buracos feitos pela ferrugem, na lataria dos carros, em poucos meses. Entre março e novembro o calor é impiedoso. Mesmo em fins de janeiro, a temperatura atinge 30 graus. A umidade relativa do ar é de 60% durante todo o ano, e nos períodos mais úmidos de um ciclo de quinze anos, a umidade relativa chega a 92% o ano inteiro. Metal não pintado simplesmente não suporta tais condições. Vimos pouquíssimo metal utilizado nas construções ou estaleiros locais.

Poderia isso ter acontecido ao arco de Néfi? Enfraquecido pela ferrugem, pode ter-se partido em suas mãos ao ser retesado. As condições climáticas também explicam por que os arcos dos irmãos de Néfi perderam a elasticidade quase ou ao mesmo tempo. Se fossem arcos de madeira, teriam permanecido elásticos e resistentes na região seca ao redor de Jerusalém; mas vários anos no clima úmido da planície costeira do Mar Vermelho certamente fez com que absorvessem umidade até se tornar flexíveis demais, como vara verde. De fato, conhecidos nossos freqüentemente relatavam experiências similares com alguns de seus objetos de madeira.

Este, então, foi o problema com que se defrontou Néfi, mas ele registra que encontrou madeira para construir um novo arco (1 Né 16:23.) Nosso amigo arqueologista, Salim Saad, mostrou-nos entusiasticamente que a romãzeira que cresce perto de Djidda, daria boa madeira para um arco. Essas árvores crescem em todo Oriente Médio, mesmo com água salobra. Sua madeira de fibras retas e compactas é extraordinariamente flexível e resistente.

Na época de Léhi, Djidda provavelmente era uma pequenina aldeia; hoje é uma grande cidade de 500.000 habitantes.

Ainda há vinte cinco anos atrás, uma carta era enviada a alguém em Djidda, endereçada só: “Ao homem com duas árvores”. Hoje, é claro, há muitas árvores. Num estaleiro em Djidda, vimos homens entalhando tábuas à mão, dando forma ao casco com arcos de pua manuais, serrotes, formões e machados. Conseguimos comprar um arco de pua feito de madeira dura, e tendo uma broca de ferro na ponta. A rotação é feita por meio de uma tira de couro enrolada em torno dele e presa a um arco. Embora parecesse primitivo e tosco a nossos olhos modernos, vimos ser usado para fazer três furos em madeira dura em poucos segundos.

Em Yanbu, na direção norte, pela costa, ficamos igualmente fascinados pelas serras de estilo antigo utilizadas em outro estaleiro. A lâmina de ferro estava firmemente esticada numa armação de madeira, retesada por corda presa às duas extremidades da armação opostas à lâmina e que era torcida por meio de uma



Alto: Os estaleiros em Djidda. Esta grande embarcação está sendo construída de tábuas presas e vigas de madeira. São usadas apenas ferramentas manuais, e o construtor leva o modelo na cabeça. Navios deste tamanho fizeram viagens históricas à China, Zanzibar e Índia. Baixo à esquerda: Um poço revestido de pedras na Arábia Saudita. A água é o elemento básico da vida no deserto: o povo se estabelece onde existe água. Onde não existe, a colonização é impossível, e a viagem perigosa. Os beduínos movem-se de poço em poço, como Léhi provavelmente o fez.

Baixo à direita: Os grafitos marcam muitas rochas da velha rota do incenso. Este passatempo dos condutores cansados de camelos durante séculos, deixou um rastro claro que tem ajudado os arqueólogos modernos a traçar as antigas trilhas do comércio.

vareta. Novamente, a despeito de seu aparente primitivismo, serrava tábuas espessas com incrível facilidade.

Lembramo-nos da explicação de Néfi sobre o modo como construiu o barco — “. . . não trabalhei a madeira pelo método que os homens aprenderam. . .” (1 Né. 18:2). Aparentemente, os estaleiros da costa forneceram-lhe suficiente instrução para saber que se desviava do “método” dos homens, ao seguir o estilo de construção do Senhor.

Maravilhamo-nos com a habilidade dos construtores de navios. Ao darem forma às nervuras do casco, escolhiam cuidadosamente um ramo de árvore que se curvasse naturalmente da forma desejada, e davam-lhe o formato exato desgastando os excessos com pequenas machadinhas ou formões. Eles preservavam a curvatura natural da madeira, usando seus pés e artelhos para segurar a madeira enquanto trabalha-



Alto: Pequenos barcos dispostos na praia de Salala. Os autores acham que esta é a praia em que Néfi construiu seu barco e o lançou no Mar Arábico.

Baixo: A árvore do sicômoro do oriente médio não é a árvore que se alastra de modo efêmero, como a que se encontra na Europa e América.

Em vez disso, é uma árvore rígida, que dá figos, como esta, capaz de sobreviver e dar frutos com uma quantidade limitada de água e muito sol e calor.

vam. Contemplando o Mar Vermelho, pensativos, desejamos que Néfi tivesse incluído mais alguns detalhes.

Alimentação

Ao longo do caminho, obtivemos e acumulamos mais informações a respeito de alimentação. Os habitantes do deserto dos tempos antigos aparentemente comiam o mesmo tipo de comida ingerida pelos atuais beduínos. No Museu de Israel, vimos evidências de produtos alimentícios cultivados localmente desde, pelo menos, 1000 A.C., incluindo cevada, trigo, cabeças de alho, sementes de tâmara, lentilhas, azeitonas, nozes e bolotas de vários tipos. Obviamente, todas essas coisas deveriam ser comuns nos dias de Léhi. São alimentos básicos, não apenas hoje, como também nos tempos antigos. Nossos amigos historiadores do Oriente Médio foram unânimes ao afirmar que os padrões principais da vida no deserto mudaram muito

pouco através dos séculos. Todos os escritores antigos, que tiveram conhecimento pessoal da península arábica, descrevem uma contínua sucessão de oásis, aldeias e nômades errantes ao longo de toda a rota usada por Léhi.

Ao catalogar os alimentos, concluímos que não poderíamos desprezar o camelo. Para o habitante do deserto, o camelo é mais que um simples “navio do deserto”. Representa um modo de vida, uma dádiva especial de Deus, um animal tão importante que existem mais de 700 nomes árabes para descrever suas inúmeras variedades, origens, condições e estágios de crescimento. Costumam viver entre quarenta e cinquenta anos, e as fêmeas amamentam por quatro anos após haverem dado à luz. Os beduínos são capazes de viver, freqüentemente o fazem, durante meses, e até mesmo anos, só com leite de camela e tâmaras, como dieta básica.

O leite de camela é tão precioso que os beduínos permitem ao filhote mamar ininterruptamente apenas seis semanas. Em seguida, cobrem as tetas da mãe com uma sacola de couro, e permitem ao filhote mamar apenas uma vez ou duas por dia. Este logo se acostuma. (Thesiger, p. 231).

O xeque Helwan Habtar, de Abha, Arábia Saudita, explicou-nos que são necessários uns quatro camelos para sustentar um homem no deserto; assim, se Léhi tivesse tentado viver exclusivamente do produto de seus camelos, deveria ter um grande rebanho para sustentar seu grupo, que consistia de pelo menos vinte pessoas. Entretanto, não parece provável que seguisse uma prática beduína em sua totalidade, já que também caçaram animais selvagens e provavelmente fizeram plantações nos vários pontos de parada.

A menção de Néfi de comerem “carne crua” (1 Né. 17:2.), intrigou-nos e pareceu repelente — entretanto, ficamos surpresos ao nos acharmos comendo o mesmo no Cairo, quando nossa amiga **Angie Chukri** nos serviu este fino prato local. Não estava pingando sangue, como supúnhamos, mas temperada com alho e outros temperos. Havia sido posta a secar ao sol até estar escura por fora. E por dentro era de um rosa-avermelhado, e macia ao mastigar, sem lembrar charque. O alho era o sabor dominante, mas que deixava um gosto agradável, o que mudou nossa má impressão de comer carne crua. Vimos, depois, carne crua à venda nos mercados egípcios (jordanianos, e da Arábia Saudita, em forma de grandes filões parecidos com salsichão bolonhês, e temperada de modo muito semelhante à que nos foi servida por Angie). De especial interesse para nós foi o nome dado pelos árabes — “basterma”, que significa “carne crua”, indicando que a terminologia de Néfi não foi apenas descritiva, como também o nome correto. Teria sido esse processo, ou outro similar, que o Senhor mostrou a Néfi, para tornar o alimento “agradável”, de modo que não precisassem acender fogo durante a perigosa jornada por terra, desde as costas do Mar Vermelho até Abundância?

Naom

Néfi relata que a colônia de Léhi continuou na direção sul, perto do Mar Vermelho, e eventualmente



Figueiras de sicômoro crescem em Salala, o único lugar na costa árabe do sul em que as árvores crescem em tamanho suficiente para ser usadas como tábuas.

ergueu suas tendas "...no lugar chamado Naom". (1 Né. 16:34.) Quando se puseram em marcha outra vez, "... reiniciamos nossa jornada pelo deserto, desde aí viajando sempre para o leste..." (1 Né. 17:1.) A rota do incenso volta-se para leste, na altura do paralelo dezenove; é aí exatamente que Naom devia estar localizada.

A moderna aldeia localizada próxima ao paralelo dezenove é Al Kunfidha, na Arábia Saudita. Tínhamos um interesse especial, é claro, em observar suas práticas e costumes quanto a enterros e funerais, pois foi ali que Ismael deve ter sido sepultado.

Se vocês se dirigirem para o leste, partindo desta possível localização de Naom, a costa do Mar Vermelho termina numa seqüência de altas e escarpadas serras que se vão elevando do nível do mar até à altura de quase 3 000 metros. Uma das antigas rotas do incenso afasta-se da orla marítima aproximadamente nesse lugar, dirigindo-se para leste, através do Uade Ababish (Ver ilustração 2), sobre as montanhas, até a aldeia de Suda, juntando-se às outras rotas na cidade de caravanas de Abha, agora capital regional da Arábia Saudita, situada a 1 800 metros de altitude.

O terreno também nos convenceu de que Léhi pode ter-se voltado para leste perto desse lugar; a ausência de outras rotas praticamente garante isso. Inscrições meio apagadas nas rochas expostas testificam novamente que os caravaneiros passaram por ali centenas de anos a fio.

Em Abha, encontramos um homem extraordinário exatamente na hora em que dele precisávamos. Helwan Habtar, formado em escolas americanas, com graus de mestrado em ciência política e economia, levou-nos até sua casa, onde nos recitou sua genealogia remontando 24 gerações. Estranhamente, três outros homens que também estavam de visita, naquela

noite, igualmente recitaram suas genealogias até treze gerações atrás. Ficaram embevecidos ao ver que as gravamos.

Fomos afortunados por estar em Abha numa terça-feira, dia de mercado, há tantas centenas de anos que o Sr. Habtar não nos pôde dizer quando exatamente começou. Há um setor do mercado para o mel, um para incenso, outros para mirra, frutas, verduras, roupas, tecidos, jumentos, ovelhas e camelos.

Nossa atenção concentrou-se primeiramente nas áreas que vendiam incenso e mirra. O incenso vem em gramas cor de ouro, do tamanho aproximado da ponta de um dedo, enquanto a mirra é castanho-avermelhada e vem em pedaços pequenos irregulares ou em forma de raspas. O incenso era relativamente barato (meio quilo por Cr\$ 28,00), mas a mirra é ainda muito cara, porque é usada para fins medicinais: a cada recém-nascido é dado um gole de água com mirra, para adverti-lo quanto aos amargores da vida; queimar mirra num incensório, junto à cama de uma criança doente, supostamente garante uma rápida recuperação. Um árabe de quarenta e cinco anos, em Jerusalém, relatou como sua mãe o havia feito saltar sobre um recipiente de mirra incandescente, quando esteve doente, na infância. Entendemos então uma das possíveis razões pela qual os Magos trouxeram mirra para o menino Jesus: era para auxiliar Maria a mantê-lo com boa saúde.

Como já dissemos anteriormente (Ver A Liahona, julho de 1977), Léhi contornou o Yemen e o Vale de Hadramaut, que eram e são, ainda, regiões densamente povoadas. Os "mineanos" (povo do antigo reino de Ma'an, no sul da Arábia), pelo que podemos determinar, foram os primeiros a aí estabelecer um reino, em 1200 A.C. Os sabeanos (povo do reino de Sabá — ou Sheba — no sul da Arábia, entre 900 e 200 A.C. — Ver 1 Reis 10:1), que os sucederam, reinavam nos dias de Léhi.

Há outra evidência que indica que Léhi não viajou através do Yemen e Hadramaut. Néfi registra que durante este período da jornada comeram carne crua, não acenderam fogo, passaram por "... muitas aflições", e finalmente chegaram a uma terra fértil, junto ao mar. (Ver 1 Né. 17:1-5.) Tivessem seguido pela principal rota do incenso que se volta para o sul, passando pelo Yemen, eles teriam passado por terras férteis durante a maior parte da jornada.

Em vez disso, Léhi e seu grupo dirigiram-se para leste (Ver A Liahona, julho de 1977), passando por um caminho mais curto, porém mais difícil, da trilha do incenso, que ladeava o Rub Al Khali, o maior deserto de areia da terra, que se estende para o norte e leste de Nadjran. A rota do incenso acompanha sua borda meridional. Nós apenas sobrevoamos parte dessa área. Era uma região rochosa, semelhante à superfície lunar, estéril e sem árvores, exceto por um ocasional tufo de capim ou pequena sarça. Rochas partidas, fendidas por terremotos ou erosão, cobriam as aldeias estéreis. Devíamos estar seguindo uma tempestade, pois havia água correndo ou empoçada em muitos dos uades.

(continua)

Provavelmente não surpreenderia alguns de vocês saberem que existem Escrituras a respeito de esportes e atletismo em todas as obras-padrão da Igreja. Um de nossos grandes professores, Robert Matthews, chama nossa atenção para alguns termos atléticos utilizados pelo Apóstolo Paulo em várias de suas epístolas, e ele prefacia sua obra com este comentário:

“A cada dois anos em Corinto, Grécia, (e também, é claro, em outras cidades), eram realizados jogos os quais envolviam todos os esportes preferidos pelos gregos, como corrida, luta, salto, luta romana, arremesso de dardo e disco

e corrida de bigas. O prêmio era uma simples coroa ou grinalda de ramo de pinheiro ou folhas de hera (coroa de louros), mas o vencedor era recebido em sua cidade natal, com grandes honras. Rigoroso treinamento e longa prática e exercícios eram requeridos, a fim de que alguém fosse qualificado e pudesse participar de tais eventos. O competidor devia ir além do mero divertimento, disciplinando-se através de esforço constante e severo para ser um vencedor. Ao proclamar o evangelho, Paulo faz várias referências a esses eventos esportivos. Ele fala de lutadores, corredores, e do rumo que tomavam. Fala dos gladiadores lutan-

do com feras, da coroa dos vencedores, de metas, prêmios, treinamento severo, condicionamento adequado; do sinalizador de partida, do juiz, e, acima de tudo, da vontade de vencer. Os primeiros conversos cristãos, sem dúvida, estavam familiarizados com tais eventos e jogos. E, portanto, Paulo utilizou o vocabulário do atleta para incitar seus ouvintes a aplicarem o evangelho em sua vida, e particularmente para mostrar-lhes a importância da auto-disciplina e espírito de sacrifício.”

O Irmão Matthews continua dizendo que Paulo provavelmente se levantou num daqueles grandes estádios de jogos gregos de sua época, e observou os corredores da maratona, ao subirem e porem de lado sua armadura. Praticavam e exercitavam-se com a armadura, e depois, punham-na de lado para a corrida oficial. O juiz de partida dava o sinal, e eles saíam para correr 42 quilômetros através da aldeia vizinha, voltavam pela estrada, terminando no estádio. Ao final da corrida, o juiz conferia o prêmio ao vencedor. Paulo, provavelmente, observou tal corrida e teve uma grande visão da vida, quando disse estas palavras:

“... deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta,

O Jogo da Vida

Élder Paul H. Dunn,
do Primeiro Conselho dos Setenta.
Ilustrado por Ed Holmes.



Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, ..." (Heb. 12:1-2.)

Paulo captou nos esportes uma das maiores coisas que o treinamento pode oferecer: a vontade de vencer. Ele viu os campeões coroados na vitória, viu as coroas recebidas, e viu que um dia ele se levantaria triunfante e receberia a maior das coroas: a coroa da vida eterna. Paulo sabia como aqueles grandes homens se esforçavam para vencer; sabia do zelo e o vigor com que se empenhavam nas corridas, e via que o cristão se assemelhava a eles. As ilustrações utilizadas por Paulo são particularmente cabíveis, graças a seu significado religioso. Assim como Jesus, Paulo era hábil no uso de ilustrações vívidas tiradas dos acontecimentos comuns. Salientou que o preço da vitória no sentido evangélico, assim como no atletismo, é baseado no esforço constante, auto-disciplina e dedicação total.

Agora, permitam-me citar suas epístolas. Eis o que Paulo escreveu aos coríntios:

"Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio?" (Vêem vocês, os santos de Corinto podiam entender isso.) "Correi de tal maneira que o alcanceis."

"Todo atleta, diz Paulo, exerce auto-domínio em todas as coisas, e o faz para alcançar uma coroa corruptível, um simples ramo ou grinalda — mas nós buscamos uma coroa incorruptível. Eu não corro a esmo, continua dizendo. Não luto como quem bate no ar, mas esmurro meu corpo e o subjugo para não ser desclassificado depois de pregar aos outros." (Ver 1 Cor. 9:24-27.)

Observem agora o que ele diz a seu amigo Timóteo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

"Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia." (2 Tim. 4:7-8.)

E também a Timóteo, fez esta grandiosa admoestação, que eu gostaria de comentar. Um atleta não é coroado, a menos que compita de acordo com as regras. (2 Tim. 2:5.) Eis aqui um grande sermão numa simples frase. A vida é feita

de regras e regulamentos interessantes, e alguém chega a ser vencedor somente se competir de acordo com as regras e regulamentos do jogo.

O MUNDO PRECISA DAQUILO QUE VOCÊS TÊM

Num sentido real, vocês e eu fomos mandados à terra a fim de participarmos de um jogo muito importante, e há algumas regras maravilhosas e belos regulamentos afeitos a ele. Para os que têm bom senso e entendimento, e a capacidade de prestar atenção aos treinadores, testifico que temos um grande treinador-chefe, Spencer W. Kimball. Vocês têm-no escutado, ao Quorum dos Doze, e a todas as Autoridades Gerais, bispos e presidentes de estaca, líderes e maravilhosos professores. Achar vocês que essas pessoas estão aí apenas para irritá-los e provocá-los? Ou foram enviados num momento particular de sua vida para ajudá-los a praticar melhor as regras do jogo da vida? Afirmo que esta última é a assertiva correta, e os desafio, como um jogador nesta competição, a que escutem os conselhos sábios e capazes. Neste momento de suas vidas, de seu jogo da vida, vocês devem fazer duas coisas: 1) preparar-se para fazer face aos grandes desafios que o mundo lhes oferece; e 2) após estarem preparados, deverão compartilhar o que têm com o mundo, a fim de fazer dele um lugar grandioso e maravilhoso para se viver.

Somos uma igreja missionária. Vocês sabem disso tão bem quanto eu. As Escrituras estão repletas de conselhos de nosso Pai Celestial, dados através de seu Filho. Permitam-me lembrar-lhes rapidamente um ou dois exemplos. Não são novos, já estamos familiarizados com eles. Aqui está uma revelação dada ao Profeta Joseph Smith, contida na seção 64 de Doutrina e Convênios. Foi dada em setembro de 1831, pouco tempo depois de a Igreja haver sido organizada. Não havia muitos membros, mas estes tinham a assustadora e terrível responsabilidade de compartilhar, de dar, de ensinar. Eis o que disse o Senhor a um profeta:

"Portanto, como sois agentes, estais empenhados no serviço do Senhor; e tudo o que fizerdes de

acordo com a sua vontade, é negócio do Senhor.

"E eles vos escolheu para providenciar pelos seus santos nestes últimos dias, para que eles obtenham uma herança na terra de Sião." (DeC 64:29-30.)

Poderia interromper-me e fazer uma pergunta? Como irão obtê-la (a herança) se eu e vocês não a dermos, e não a dermos de modo efetivo? E então ele continua:

"E eis que eu, o Senhor, vos declaro, e minhas palavras são certas e não falharão, que eles a obterão.

"Mas todas as coisas deverão realizar-se no seu próprio e devido tempo.

"Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas, provêm as grandes.

"Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente; e nestes últimos dias, os de boa vontade e os obedientes comerão do bem da terra de Sião." (DeC 64:31-34.)

Permitam-me mencionar uma referência pessoal a este princípio. Na década de 40, meu irmão mais jovem recebeu um chamado missionário para a Nova Inglaterra, e (sem mencionar todos os detalhes, que, na verdade não importam) foi enviado a uma pequena comunidade na Nova Escócia, chamada Kentville. Ali ele trabalhou durante a maior parte de sua missão. Assim como acontece a alguns líderes e missionários, ele voltou para casa como um aparente fracasso no que tange ao número de conversos batizados. E vocês sabem como os irmãos mais velhos se portam com os mais novos que não conseguem algo, não sabem? Simplesmente não lhe dei sossego. Vinte anos depois, bem recentemente, eu, seu irmão mais velho, fui chamado para presidir a mesma missão. Em minha primeira conferência distrital em Halifax, Nova Escócia, uma pequena senhora dirigiu-se a mim, após a primeira sessão. Disse-me ela: — Elder Dunn, o senhor tem um irmão chamado David?

E eu disse: — Creio que sim.

E ela perguntou: — Ele esteve em missão na Nova Inglaterra?

Eu respondi: — Sim, esteve.

E então (os missionários vão gostar disso agora) ela abriu a bolsa e procurou entre vários retratos. Tirou um deles e disse: — É ele?

Respondi: — Há vinte anos atrás, esse era ele.

— Oh, — disse ela, — onde está ele?

Eu disse: — Ele está no sul da Califórnia.

— Como eu gostaria de me comunicar com ele! Ele é o responsável por me trazer à Igreja.

— Não, “madame”, — disse-lhe eu. — A senhora está enganada. Meu irmão não trouxe ninguém para a Igreja.

— Oh, — disse ela — odeio ter de corrigi-lo, senhor, mas... — Então ela chamou seis outras pessoas, todas com grandes famílias, que pareciam ser a espinha dorsal do distrito de Halifax. E disse: — Todos estes estão aqui por causa de seu irmão. Agradecemos a Deus por ele.

“... E de pequenas coisas provêm as grandes...”

ENSINE SEU VIZINHO (SEU PRÓXIMO)

Permitam um “por exemplo”, ou dois, bem rapidamente. Vocês conhecem o que diz o Senhor na seção 88 de Doutrina e Convênios. Ele o diz da maneira mais simples jamais expressada: “... prevenir o seu próximo” (DeC 88:81). Seus “próximos” podem ser aqueles dentro e fora da Igreja, que precisem de qualquer espécie de advertência.

Um conhecido meu ficou gravemente doente há não muito tempo atrás. Corri ao hospital dos Veteranos de Guerra, na Cidade do Lago Salgado, a fim de ver se poderia satisfazer algumas de suas necessidades. Ele tinha alguns problemas. Não era a alma mais ativa do mundo, e creio que cada um de vocês conhece algum membro da Igreja nessas condições que pode estar morando por perto.

Ele ficou surpreso, quando entrei no quarto. — Bem, como soube que eu estava aqui?

— Ora, o Senhor tem maneiras de transmitir esse tipo de informação.

Ele tinha uma deficiência circulatória que o maltratava bas-

tante, e era muito séria por causa de sua idade. Sofria dores terríveis nos calcanhares. Estava jantando no momento em que cheguei ao hospital, e assim, sentei-me à beira de sua cama e perguntei: — Ajudaria se eu massageasse suas pernas por um minuto? Assim, fiz-lhe as massagens, e falei: — Posso fazer-lhe uma pergunta pessoal? Esta doença repentina não o atemoriza? O bispo sabe que você está aqui? Você ficaria ofendido, se eu lhe contasse? Gostaria de uma bênção especial? — Ele aquesceu com a cabeça. — Você tem fé?

— Não, — respondeu.

— Você tem fé em mim?

— Sim.

— Você sabe o que é fé?

— Não.

Então sentei-me na cama e ensinei-o.

Sabem, descobri que muitas pessoas não conhecem essas coisas porque não foram ensinadas; elas não compreendem. Fiz-lhe uma preleçãozinha de dois minutos e meio sobre a fé. Os primeiros princípios do evangelho são quais? Fé, arrependimento, batismo e o dom do Espírito Santo. Agora, se olharem para trás e contemplarem a fé, o que ela nos diz? Diz fé no Senhor Jesus Cristo. Algumas vezes não prestamos atenção a esse detalhe. Assim sendo, ensinei-lhe os princípios. Ele não os tinha aprendido antes, e estava com 62 anos de idade, tendo nascido e sido criado na Igreja.

Observei, é claro, ao entrar, que havia quatro outros homens no quarto. Era uma ala da enfermaria, onde se encontravam vários homens, sem privacidade alguma. Observei, enquanto ensinava (embora não tenha feito um sermão; era apenas uma conversa entre nós dois), que os outros se esforçavam por ouvir. Assim, enquanto eu me levantava, preparando-me para colocar minhas mãos sobre a cabeça de meu amigo, voltei-me, conforme ditado pelo Espírito, e disse aos outros homens em suas camas: — Cavalheiros, posso ter sua atenção, por favor? — Todos sentaram-se em suas camas. Eu lhes disse: — Talvez tenham observado que estou aqui para vi-

sitar meu amigo, que está doente, assim como vocês. Sou seu mestre familiar. Somos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — os mórmons. Não tive oportunidade de conhecê-los; não sei qual é sua fé em particular, mas nós cremos em dar assistência espiritual uns aos outros. Estou aqui tentando fazer isso esta noite. Vou dar uma bênção especial a este homem. — Então, expliquei rapidamente de que se tratava, e disse: — Não espero que a endossem ou rejeitem especificamente, mas poderiam, por favor, ficar reverentes por um momento, enquanto realizo esta ordenança por meu amigo?

Todos permaneceram lá, sentados. Coloquei minhas mãos sobre a cabeça de meu amigo e o abençoei. O Espírito tocou a nós dois, e as lágrimas rolaram, sem a menor vergonha, pelas faces de um homem, que, penso, estava afastado da Igreja havia 22 anos. Tudo terminado, nós nos abraçamos, e eu disse: — Agora, posso fazer uma pergunta pessoal? Eu o magoei?

— Oh, não, Irmão Dunn, — disse-me ele, — este é um dos momentos mais sagrados em minha vida. Muito obrigado.

Ao voltar-me para ir embora os quatro outros homens queriam bênçãos, dois dos quais não eram sequer membros da Igreja. Agora, santos dos últimos dias, vocês não precisam ficar embaraçados com o que ou quem são. Há um momento para ensinar aguardando cada um de nós, ao compartilharmos este nosso dom inestimável. Oro a Deus para que possamos captar alguma coisa dessa grande visão e de sua importância.

Vocês têm o potencial para fazer tudo o que foram mandados fazer aqui. Apenas para concluir, lembrem-se de que este é um grande jogo, uma grande disputa. No jogo da vida, vocês vencerão, se cumprirem as regras. Então acharão a si próprios e ao Senhor, e compartilharão o evangelho, dando-o aos outros.

(Adaptado de “Discursos do Ano”, Brigham Young University Press, 1974, p. 3-16.)

Apascentar Suas Ovelhas

Theo E. McKean



Os alimentos dos “gourmets” podem ser muito sedutores, mas no tempo em que eu era um rapazinho faminto, nada se igualava à refeição simples de pão quentinho feito em casa, coberto de manteiga que derretia, que tão freqüentemente me esperava ao retornar da escola. *Minha mãe sabia a melhor maneira de alimentar seus filhos.* Ela compreendia; ela amava; ela auxiliava — da maneira mais simples e mais eficiente.

Posteriormente, não me foi difícil entender por que nosso Senhor referiu-se a si mesmo e a seu evangelho como o “pão da vida” (Ver João 6:32-35). Nem é difícil reconhecer que “...através dos séculos... seus ensinamentos mantiveram-se simples, motivadores e diretos, pois que destinavam-se a ser assim” (Élder Boyd K. Packer, “Teach Ye Diligently” (Ensinai Diligentemente), Deseret Book Co., Salt Lake City, Utah, 1975, p. 19.)

Ensinar como ensinou o Salvador.

Como professores, ou professores em potencial do evangelho, um de nossos maiores desafios é desenvolver a habilidade de ensinar de maneira simples e clara, como fazia o Salvador. (Ver gráfico: “Relacionamentos de Ensino/Aprendizado”, A Liahona de abril de 1977.)

Nada havia de complexo ou difícil na abordagem de ensino do Salvador. Diz o Élder Boyd K. Packer: “Podemos voltar, mentalmente, ao dia em que ele ministrou entre os homens. Podemos prestar cuidadosa atenção ao que ele ensinava. Podemos também observar como ele o fazia, para que, quando chegar a comissão de apascentar suas ovelhas, possamos ir e fazer do mesmo modo.” (Teach Ye Diligently, p. 19.)

Muitos métodos, auxílios e técnicas podem ser usados, ‘... mas (no ensino) a instrução básica, após tudo o que foi dito e feito, será, principalmente (1) exposição verbal, (2) perguntas e respostas, e (3) recitação.” (Ibid. p. 224.)

A exposição verbal proporciona ao professor oportunidade de declarar — e ao aluno a oportunidade de ouvir — as verdades básicas do evangelho. As perguntas e respostas possibilitam ao aluno investigar melhor, esclarecer e

compreender essas verdades. A recitação proporciona ao aluno a possibilidade de revisar, recapitular e estabelecer dentro de seu próprio coração as verdades aprendidas.

Exposição verbal.

Não se deve considerar uma mera verbalização por parte do professor. Em vez disso, deve ser uma parte apetitosa para o espírito, e dar satisfação à alma.

O Salvador, cujo exemplo de ensino devemos sempre seguir, nada serviu além do puro pão da vida. A parte do filão servida em qualquer tempo, e o tamanho do pedaço dependeram sempre do próprio indivíduo. A rapidez com que o aprendiz compreende a verdade, e seu desejo de obedecer a ela, sempre foram pontos importantes para o estabelecimento da parte a ser servida; mas sempre foi simples, clara e nutritiva, do ponto de vista espiritual.

Pondera o Élder Packer: “Quando estudamos como Jesus ensinava, podemos notar que ele empregava mais um princípio de ensino que qualquer outro. Se nós também compreendermos tal princípio e o empregarmos, isto nos melhorará mais como professores de religião do que qualquer outra coisa, talvez, que possamos aprender acerca de suas técnicas didáticas. Os educadores referem-se a isso como o *princípio de apercepção*.”

“Apercepção é definida como ‘o processo de se compreender uma coisa usando experiências prévias’. Ou seja, usando exemplos da experiência prévia de uma pessoa ou pessoas. Isto significa que, se tivermos algo difícil para ensinar, como, por exemplo, honestidade, reverência, amor, devemos começar pela experiência do aluno e falar a respeito das coisas que ele já sabe. Então, ao fazermos uma transferência ou comparação com o que desejamos que ele saiba, ele perceberá o significado.” (Ibid. p. 20.)

Muito freqüentemente, Jesus iniciava seu ensino com uma declaração assim: “O reino dos céus é semelhante a...” Em seguida, ele prosseguia comparando o reino com algo que as pessoas já conheciam, ou entendiam. (Ver no artigo anexo: “Como Utilizar o Princípio da Apercepção dentro do Ensino”, uma exposição mais detalhada desse princípio.)

Uma pequena variante do princípio da apercepção tem a ver com o uso de auxílios visuais. A maioria dos usados pelo Salvador eram os que existiam naturalmente no ambiente do aprendiz. Figueiras, moedas, lírios etc., estavam, provavelmente, ao alcance da visão do aprendiz no momento em que Jesus a eles se referia. O seguinte conselho do Élder Packer dá-nos algumas boas diretrizes a respeito do emprego de auxílios visuais, especialmente os feitos pelo homem:

“Cuidado com os auxílios visuais. Usem-nos com parcimônia. Os melhores são, na verdade, os mais simples e, freqüentemente os mais fáceis de se conseguir. No fundo, penso que nenhum auxílio visual suplanta, e poucos se igualam, ao quadro-negro: primeiramente, porque é fácil de usar, e também porque é algo disponível universalmente — em qualquer lugar do mundo pode-se conseguir um quadro-negro. Vocês podem utilizar-se dele para chamar a atenção visual dos alunos, enquanto a lição principal é apresentada de modo audível. Enquanto falam, vocês podem escrever apenas o suficiente na lousa para chamar sua atenção e transmitir-lhes a idéia; mas nunca escrever tanto, que o próprio auxílio visual os distraia e se torne mais interessante que a aula.

“Talvez o erro mais comum no emprego da palavra escrita como auxílio visual seja a falta de sincronização entre o que se vê e o que se ouve. O erro é cometido tão amiúde que apenas ocasionalmente é possível ver-se a coisa feita da maneira certa. Se vocês têm palavras a serem escritas no quadro negro, ou se estiverem num cartaz, ou dispostas num flanelógrafo, ou forem projetadas numa tela através de um projetor, os alunos deverão ver com os olhos e ouvir com os ouvidos ao mesmo tempo. . .

Auxílios visuais e auditivos numa classe podem ser uma bênção ou uma maldição, dependendo do modo como são empregados. Podem ser comparados aos temperos e aromatizantes usados no preparo e acompanhamento de refeições. Devem ser usados parcamente, apenas para acentuar ou tornar a lição interessante.” (Ibid. pp. 224-225.)

Perguntas e Respostas.

As perguntas e respostas também foram uma técnica didática muito importante usada pelo Salvador. Ele a usava, entretanto, de um modo ímpar. Geralmente lançava a responsabilidade pelo aprendizado sobre o aluno. Fazia isso formulando suas perguntas e respostas de tal forma que o aluno era obrigado a interagir com o próprio assunto em pauta. Assim, o aluno ganhava visão interior e entendimento, através da introspecção nos princípios básicos da verdade.

O Salvador fazia perguntas do tipo: “. . . a vós é dado ser o sal da terra; mas, se o sal perder o seu sabor, com que será a terra salgada?” (3 Néfi 12:13); ou “por que reparas no argueiro que está no olho de teu irmão e não atentas para a trave que está em teu olho?” (3 Néfi 14:3.)

Perguntas como essas são típicas da forma particular como o Salvador ajudava o aprendiz a elucidar e compreender o evangelho, e também a relacionar-se pessoalmente com ele.

Freqüentemente, o Salvador respondia a uma pergunta, fazendo outra. O aprendiz respondia então sua própria pergunta, ao responder à do Salvador:

“Vocês podem empregar as mesmas técnicas. Quando um aluno faz uma pergunta. . . cuidado para que não seja *voce* quem responde, tirando-lhe a oportunidade de a debater e responder, talvez, ele mesmo. Quão fácil é para um professor responder rapidamente às perguntas simples, e encerrar um diálogo que poderia ser o estopim de um debate vívido e movimentado da classe.

“O professor sábio poderia responder hábil e amavelmente: ‘Eis uma pergunta interessante. O que a classe acha disso?’

“Ou: ‘Pode alguém da classe nos ajudar neste problema interessante?’

“Um simples diálogo e você conseguirá envolver toda a classe, tornando suas mentes alertas e abertas ao ensino”. (Teach Ye Diligently, p. 55-56.)

Recitação.

Freqüentemente, o Salvador revia a compreensão do aprendiz, do discípulo, fazendo-lhe perguntas que o obrigavam a recapitular a verdade aprendida na lição. (Ver Lucas 10:36-37, por exemplo.) Essa repetição da verdade era usualmente seguida de um convite do tipo: “Vai, e faze da mesma maneira.” (Lucas 10:37.)

E assim *nós* começamos a ver quão simples, quão clara e quão eficientemente ensinou o Salvador; como ele apascentou as ovelhas de seu Pai, o pão da vida. Possamos *nós* fazer o mesmo.

“Como Utilizar o Princípio da Apercepção Dentro do Ensino”

Élder Boyd K. Packer,
do Conselho dos Doze.

(Este material foi extraído do Livro “Teach Ye Diligently [Ensinai Diligentemente], de autoria do Élder Boyd K. Packer, Copyright 1975, Deseret Book. Usado com permissão.)

Quando estudamos como Jesus ensinava, podemos notar que ele empregava mais um princípio de ensino do que qualquer outro. Se nós também compreendermos tal princípio e o empregarmos, isto nos melhorará mais como professores de religião do que qualquer outra coisa que possamos aprender acerca de suas técnicas didáticas. Os educadores referem-se a isso como o *princípio de apercepção*.

Entender Através da Experiência Prévia

Apercepção é definida como “processo de se compreender uma coisa, usando experiências prévias.” Ou seja, usando exemplos da experiência prévia de uma pessoa ou pessoas. Isto significa que, se tivermos algo difícil para ensinar, como por exemplo, honestidade, reverência, amor, devemos começar pela experiência do aluno e falar a respeito das coisas que ele sabe. Então, ao fazermos uma transferência ou comparação com o que desejamos que ele saiba, ele perceberá o significado.

Jesus foi, na verdade, o mestre desse processo. Analisar como ele utilizava o princípio e compreender por que o fazia tão freqüentemente, é esclarecedor para todo aquele que deseja ensinar com êxito no lar ou na Igreja. . .

Usar o Tangível para Ensinar o Intangível

Se de algum modo pudermos associar a fé com algo que o aluno já conheça, algo concreto, mensurável no tempo ou espaço, então o ensino se tornará muito mais fácil. Podemos formar palavras que descrevam a fé, e criar histórias a seu respeito. Podemos medi-la. Melhor ainda, podemos ilustrá-la. Podemos fazer cartazes com desenhos, ou apresentá-los num flanelógrafo. Podemos mostrar a fé em cores ou apresentá-la usando algo concreto que se lhe compare e sirva para ensinar o princípio abstrato. Estaremos então, em terreno firme, despertando o interesse dos alunos, pois que todos, falando de modo genérico, estão mais interessados naquilo que já sabem do que naquilo que ainda não sabem.

As letras do alfabeto podem ser dispostas de maneira a formar palavras, que, por sua vez, tornam-se símbolos dos objetos do mundo tangível à nossa volta. Podemos abrir um livro cheio desses símbolos, e lê-los, e assim fazendo, podemos “ver” as coisas que os símbolos representam. De modo similar, as coisas do lugar comum que já sabemos podem ser usadas para representar idéias (ou ideais) intangíveis, invisíveis. Podemos aprender a “ler” tais símbolos, e assim fazendo, poderemos “ver” as coisas que representam, tais como fé, amor, caridade e obediência.

Eis como Jesus ensinava. Cada um de nós pode aprender a ensinar do mesmo modo. Se aprendermos a ensinar como ensinava Jesus, poderemos ensinar a nossos próprios filhos e aos outros filhos de nosso Pai Celestial “. . . todas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é conveniente compreender.” (D&C 88:78.)

Há um modo prático pelo qual a fé, ou qualquer outro ideal intangível, pode ser transposto para algo concreto e “ensinável”. De fato, há uma fórmula que podemos empregar. Esse procedimento pode ajudar professores, especialmente os de religião, de maneira incomensurável. Pode também ajudar os pais no ensino de algumas coisas difíceis aos filhos.

A princípio, a fórmula pode parecer simples demais para ser útil. Mas, estudando-a um pouco e começando a experimentá-la, descobriremos que é muito útil.

Lembro-lhes que este método de ensino provém do Novo Testamento. E lembro-lhes também que Jesus, como mestre, ensinava a audiências incultas os ideais invisíveis e intangíveis do evangelho. Ao ensinar fé, amor, irmandade e arrependimento, ele empregava a técnica da comparação do intangível, do ideal invisível a um objeto comum, bem conhecido, que seus discípulos já conheciam. Isto é conhecido como *apercepção*, e eis a fórmula:

_____ é semelhante a _____

No primeiro espaço preenchamos a idéia ou ideal que devemos ensinar. Por exemplo, escreva **FÉ** no primeiro espaço.

Fé é semelhante a _____

Agora, usem sua imaginação e pensem num objeto tangível, que o estudante conhece e que pode ser comparado à fé. Quanto mais comum, mais caseiro, mais simples, melhor será a ilustração. Talvez vocês possam usar esta: **FÉ** é semelhante a uma **SEMENTE**. A fé é realmente como uma semente — pelo menos assim pensava Alma:

“Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar minha alma e a iluminar o meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa.

E eis que isso não faria aumentar a vossa fé? Digo-vos que sim; não obstante, não é o suficiente para um perfeito conhecimento.” (Alma 32:28-29.)

Observem como vocês reduziram a fé a um objeto concreto, conhecido dos alunos. Agora vocês têm algo com dimensão. A fé pode ser comparada a uma semente. Jesus usou esta ilustração: “. . . porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: passa daqui para acolá — e há de passar; e nada vos será impossível”. (Mat. 17:20). Usando a montanha como comparação, ele introduziu o tamanho, fazendo com que a lição fosse mais inteligível e impressiva.

Uma vez comparada a fé a algo tangível, será possível ilustrá-la gratificante, descrevê-la, medi-la; poderão dizer o tamanho, a forma, a cor, a consistência; poderão desenhá-la no quadro-negro, encontrar uma gravura, fazer um diapositivo ou peça para flanelógrafo. Vocês poderão exibir sementes verdadeiras, como lição prática — talvez uma semente de verduras, ou o caroço de uma fruta.

Os alunos poderão receber algumas sementes de milho para plantar em vasos. O professor poderá agüar uma planta, e deixar que outras sequem, para demonstrar, como fez Alma, que a fé precisa ser nutrida.

Quando o professor usa comparações como essas, os alunos logo começam a “ver” que a fé é semelhante a algo,

e chegam próximos a compreender e entender um princípio do evangelho.

A *Apercepção* é uma Chave no Ensino do Evangelho

A *apercepção* pode funcionar em muitas lições para se ensinar conceitos intangíveis, tais como fé, esperança, caridade, amor, reverência. Tais princípios podem ser ensinados de modo muito eficiente, e com grande significado, mesmo para mentes muito jovens. Saber e conhecer este princípio é de grande valor para os professores em casa ou na Igreja. Realmente, não há necessidade de se vacilar, tropeçar, ou ensinar essas virtudes pela metade, quando podem ser ensinadas com êxito. Conhecer isso é uma chave importante no ensino do Evangelho de Jesus Cristo.

Suponhamos que usemos outra ilustração. Tomem o assunto *arrependimento*.

O *arrependimento* é semelhante a _____

Que coisa familiar, comum a todos nós, pode ser comparada ao *arrependimento*? Suponhamos que usemos *sabão*.

O *arrependimento* é semelhante ao *sabão*.

Uma aula para explicar esta idéia pode ser desenvolvida da seguinte forma:

O *arrependimento* é como o *sabão* da vida. Usado adequadamente, pode-nos limpar de nossas transgressões; mas, ainda assim, algumas pessoas permanecem sujas. Por quê? Por que tantos indivíduos não usam o *arrependimento* quando este está imediata e constantemente disponível a todos?

Vocês poderiam ilustrar o mau uso do *arrependimento* desta maneira.

Descrevam um belo lenço branco, puro, e ainda não utilizado. O lenço é lançado à lama. Se puder ser cuidadosamente lavado, ficará limpo novamente. Mas suponham que seja jogado à lama outra vez, e lavado outra vez; então é jogado à lama e lavado, e assim, sucessivamente, por muitas vezes. O lenço logo se tornará encardido e impregnado de sujeira, e será muito mais difícil conseguir que fique limpo, mesmo com *sabão* muito forte.

Certa ocasião, sentei-me com um grupo de professores do seminário, apresentei-lhes esta fórmula e pedi-lhes que pusessem a mente a trabalhar no assunto do *arrependimento*. Foi interessante como em uma hora de debates conseguimos mais de uma dúzia de situações reais da vida que podiam ser empregadas.

Usar a Imaginação

É importante compreender que, se vocês forem por demais literais, ou por demais técnicos, nenhuma comparação ou referência de “é semelhante a” será satisfatória, nem mesmo aquelas empregadas pelo Senhor. Vocês devem usar a imaginação.

Lembro-me de um professor que debatia o fato de o *arrependimento* não ser realmente semelhante ao *sabão*. Mas, nessa linha de raciocínio, o reino dos céus realmente não é semelhante à rede, nem os fariseus semelhantes a sepulcros caiados. Alguma imaginação criativa faz-se necessária. Se vocês não tentarem desenvolver essa qualidade, serão professores cansativos e não interessantes. Se estiverem determinados a serem literais, não haverá referência de *apercepção* que resista.

Agora que vocês já têm uma idéia de como funciona o princípio de *apercepção*, será útil observar novamente nas Escrituras, a fim de vermos as muitas ilustrações deste método didático. Em seus ensinamentos, Jesus sempre tratou de assuntos, experiências e objetos familiares. Ao estudarmos os exemplos por ele apresentados, será fácil reconhecer

que muitas das ilustrações são muito comuns. Ao apresentar o exemplo familiar, Jesus principiava no ponto conhecido pelas pessoas, a fim de proporcionar uma experiência de ensino.

Uma coisa que Jesus tinha em comum com a maioria daqueles a quem ensinava era a experiência básica da vida. Da informação que temos referente à sua vida pessoal, concluímos que ele poderia ter sido como um indivíduo comum em seus dias. Seus ensinamentos refletem e retratam para nós o mundo de sua época.

Ele se relacionava diretamente com a experiência de seus ouvintes. Frequentemente fazia referência à instrução religiosa básica, que era o ponto máximo da vida de todo o jovem daqueles tempos...

Coisas Simples, Comuns

O Sermão da Montanha é, talvez, um exemplo tão produtivo quanto qualquer outro episódio particular de ensino...

Outro exemplo e rica fonte de material aperceptivo pode ser encontrado no estudo das parábolas. Nessas histórias, ele faz referência às experiências comuns da vida cotidiana da Palestina daquela época, ou recorre à história judaica para citar regulamentos bem conhecidos da lei de Moisés.

Ele fala de galinhas, frangos, pássaros, flores, raposas, árvores, ladrões, viajantes, ociosos, do rico e do pobre, do médico, roupas, luto, varrer a casa, alimentar porcos, armazenar grãos, guardar em celeiros, edificar casas, empregar gente e dúzias de outras coisas. Nenhuma delas é misteriosa ou obscura, e todas são tiradas da vida real, de experiências do dia-a-dia daqueles a quem ensinava.

"... É Semelhante a..."

Ele sempre comparava o mundo tangível à nossa volta com as coisas do mundo intangível dentro de nós. Usava seguidamente as expressões "é semelhante", ou "comparei"...

Tornar Clara a Aula

Tenham sempre em mente que Jesus não falava meramente às pessoas de sua época acerca de suas experiências e das coisas de seu ambiente. Ele não os estava ensinando acerca de galinhas e pintinhos. Usou as galinhas e os pintinhos (Ver Mat. 23:77) para outro propósito. Relacionava e inter-relacionava essas experiências do mundo visível ao mundo interior invisível. Aplicava a comparação para que a lição fosse óbvia...

A aplicação era o mais importante em toda preleção. Quanto ao sal (Mat. 5:13), por exemplo, ele não estava



interessado em lembrar a seus ouvintes o condimento comum de mesa — tão comum, na verdade, que não teria interesse, caso fosse mencionado de outra maneira. A palavra sal, conforme usada em seus ensinamentos, não foi empregada para dizer-lhes como comer, mas antes serviu de ponto de partida para ligar a experiência prévia de seus alunos com padrões de aprendizado mais amplos, mais significativos e mais incisivos.

Mencionamos anteriormente que conceitos como fé, arrependimento e humildade são difíceis de ensinar porque não podemos retratá-los. Eles não têm tamanho, forma, consistência, nem cor. Portanto, é difícil retratá-los através de simples palavras. Utilizando o método empregado por Jesus, entretanto, poderemos ensiná-los muito bem.

Idéias para comparações existem por toda parte, e há muitas delas ao nosso redor, se conseguirmos enxergá-las. Considerem a seguinte ilustração:

Um Novo Mundo

Durante a II Guerra Mundial, eu estava em treinamento, como cadete, em Thunderbird Field, perto de Scottsdale, Arizona. Ocasionalmente íamos até Phoenix, no fim de semana, estando de volta na base, no domingo à tarde. Scottsdale, Arizona, era, naqueles dias, um subúrbio rural de Phoenix e não tinha mais que duas ruas que se cruzavam.

Certo domingo, vários de nós não conseguimos condução, e assim começamos a longa caminhada de volta à base. Enquanto andávamos, um velho carro parou e um cavaleiro ofereceu-nos carona.

Era gente demais para caber no velho carro, mas havia estribos onde podíamos nos pendurar, e o cavaleiro dirigiu vagarosamente enquanto conversávamos. Vários reclamaram do deserto, e de como ele era seco, morto e estéril. Finalmente, o homem parou o carro e disse que gostaria de nos mostrar algo.

Ele nos contou que era professor de ciências naturais, e nós passamos algum tempo caminhando no deserto. Ele nos mostrou plantas e animais e coisas vivas, abrindo nossos olhos para um novo mundo. Mostrou-nos plantas secas, aparentemente mortas.

"Tudo o que esperam são as chuvas de primavera", disse. "Tomem esta", acrescentou, indicando um amontoado seco de matéria vegetal, "ponham na água, e dentro de algumas horas, tornar-se-á verde. É em verdade uma bela planta, se vocês a estudarem detalhadamente; passa-nos desapercibida, porque ninguém se curva realmente para examiná-la."

O deserto jamais foi o mesmo para mim depois daquilo. Sempre parece bonito e muito interessante.

Uma vez compreendido o princípio da apercepção, o mundo inteiro torna-se vivo assim. Vemos exemplos significativos por todos os lados para onde nos voltamos.

Esse princípio didático abre-nos um mundo de auxílios visuais. Quando os dominamos, podemos adicionar os olhos aos nossos meios de comunicação. Usando exemplos nossos alunos podem, literalmente, ver, e nós podemos fazer com que "vejam" ideais invisíveis. Uma figura vale por mil palavras.

Uma vez que o professor começa a procurar à sua volta coisas para "assemelhar" na sua lição, descobrirá um novo mundo. Saberá então, que atingir um ideal significa que ele deverá, às vezes, idealizar o real.

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE DARCI COELHO DOMINGUES CORRÊA

Estaca São Paulo

Muitos dos bons membros de hoje foram trazidos à Igreja pelos missionários e, embora cercados de todo carinho pelos membros, ofereceram grande resistência ao batismo, mas no final terminaram em grandes líderes. Com o Presidente Darcy Corrêa foi bem diferente. ele mesmo procurou a Igreja e convidou os missionários para irem à sua casa.

“— Sempre que passava pela capela de Pinheiros, sentia uma especial atração por aquele edifício que emanava um clima de muita tranquilidade e cujo nome era bem expressivo. Eu e minha esposa tínhamos um grande desejo de conhecê-la. Numa noite passávamos pela frente e decidimos entrar; era horário da reunião da Sociedade de Socorro e minha esposa foi convidada a participar enquanto eu fiquei conversando com o bispo que me mostrou toda a capela e me falou acerca dos princípios e da organização que me deixou bastante impressionado e muito curioso por saber mais. Assim foi meu primeiro contato com a Igreja.”

O Presidente Darcy Corrêa conta que, apesar de seus pais, Daniel Domingues Corrêa e Namir Coelho Corrêa, nunca terem conhecido a nossa doutrina e nem saberem nada sobre reunião familiar, deram aos filhos um lar cujo clima de paz e harmonia poderia ser consagrado pela Igreja, e acrescenta: “— Eles eram desses pais que todas as pessoas gostariam de ter; amavam-se muito e nunca se hostilizaram, sempre permitiram aos filhos escolher sua crença e seu caminho na vida, nunca nos impuseram nada, mas nos orientaram sabiamente para que nos tornássemos pessoas de bem e tementes a Deus. Frequentemente nos reuníamos aos domingos, após o almoço, e falávamos dos nossos problemas



e dos nossos planos; trocávamos idéias e recebíamos conselhos deles. Minhas irmãs tocavam piano e nós cantávamos; até mesmo alguns parentes às vezes vinham participar conosco”.

Talvez o fato de ter uma formação bem estruturada e ter uma vida bem conduzida, levou-o a sentir uma necessidade de maior aproximação com Deus, pois a paz e o amor que eram parte de seu dia-a-dia tornavam esses canais livres do bloqueio espiritual que às vezes ocorre. Assim, paralelamente à cultura intelectual ele buscou os princípios de Deus em todas as fontes conhecidas. Conhecia profundamente a igreja católica, havia lido a obra de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, conhecia as igrejas Adventista, Presbiteriana, Metodista. Tinha bons conhecimentos de filosofia, e particularmente da filosofia Espiritualista, mas nada disso lhe trouxe o que buscava: respostas para suas dúvidas e um alimento espiritual.

Formado em Direito pela Academia do Largo São Francisco, em 1958, ele sempre exerceu com

convicção e ideal a advocacia. Tem seu escritório próprio e presta assistência legal à Igreja há vários anos, desincumbindo-se dessa tarefa com grande satisfação, por ser um serviço honesto que não traz conflitos com a consciência, nem com o cliente; enfim, é um trabalho que o agrada extremamente.

Presidente Darcy aconselha, ainda, aos jovens de toda a Igreja, a traçarem metas para suas vidas e lutarem por alcançá-las. Eles devem desenvolver seus talentos profissionais a fim de conseguir o melhor meio para servir e ajudar seus semelhantes, qualquer que seja o seu ramo.

Casado com Marlene A. Corrêa, ele tem cinco filhos que são educados no sistema de estudo e trabalho, e têm trazido muita alegria ao casal e um relacionamento muito bom em que todos se apóiam mutuamente e se empenham na mesma causa. A irmã Marlene tem sido uma grande conselheira da família e particularmente para o marido que se orgulha bastante dela e tem sido muito beneficiado através de seu apoio e dedicação constante a todos em casa. E ele diz, ainda: “— Ela é uma pessoa humilde que sabe reconhecer quando erra ou se excede e sabe pedir perdão; mantém um relacionamento muito bom com os nossos filhos, orientando-os com muita sabedoria. Nas minhas frequentes ausências do lar, para servir ao Senhor, ela desempenha com muita sabedoria o papel de pai. Grande parte do meu sucesso profissional, e nos chamados da Igreja, devo a ela, que me tem assessorado muito bem, e assim posso sair tranqüilo, porque sei que ela está suprindo as necessidades dentro de casa. Ela tem também se empenhado com muita dedicação nas suas funções na Igreja. Quando recebe uma designação, faz daquilo a princi-

pal coisa a ser realizada na vida, procurando fazer o melhor possível para que sua tarefa seja bem sucedida.”

Desde que se converteu à verdade, o presidente Darci jamais vacilou um instante sequer, pois este era o caminho que há muito procurava. Sempre trabalhou ativamente em qualquer função para a qual foi chamado. Foi professor da primária, superintendente da Escola Dominical, membro do bispado, membro do sumo conselho, conselheiro de estaca por três anos e presidente de estaca. Este último chamado tem apenas três meses e ele se considera um líder privilegiado por ter assumido uma presidência muito organizada e ter aprendido muito com seu ex-presidente Walter Spat. Considera seu grupo de trabalho uma grande potência. No sumo conselho, por exemplo, ele tem sete antigos bispos e cada um tornou-se especialista em uma tarefa. Os secretários são muito bem organizados e as auxiliares têm prestado grande colaboração. É para ele uma grande bênção servir nesta função.

Os jovens adultos, com quem o Presidente Darci Corrêa desenvolveu longo tempo de trabalho, são-lhe um manancial muito precioso. Tem por eles uma estima e um carinho muito especial. Considera-os com grande vontade e capacidade de servir, bastando para isso serem orientados. Os chamados missionários têm sido muito bem recebidos. Os jovens têm procurado obter, com seu próprio esforço, parte ou todo o fundo que irá financiar sua missão. Estamos também em nossa estaca procurando difundir mais o espírito missionário em cada jovem, fazendo com que eles se sintam missionários realmente, pois esse trabalho é da competência deles bem como de todos os membros.

A passagem pelo Templo de Salt Lake foi para o casal Corrêa a experiência mais emocionante. Foram selados em outubro de 1973, e nessa ocasião ele conta que estiveram no templo por muitas horas e foram profundamente tocados pelo clima de tranquilidade e santidade ali existente, chegando mesmo a chorar de emoção.

Esse foi o propósito mais elevado que alcançaram. Essa é a grande oportunidade para se crescer mais, para se fortificar mais e enfrentar o mundo e suas dificuldades com coragem e serenidade. Afirmando ainda que: “— Seria uma grande tristeza para uma pessoa ir ao templo sem sentir o seu real propósito, apenas por curiosidade, e depois fracassar no cumprimento dos convênios. Seria uma grande oportunidade perdida, que deve ser lamentada profundamente.”

Todos os que pretendem fazer o selamento devem procurar conhecer as Escrituras e as leituras da Igreja que abordam explicitamente esse assunto, sem nenhum mistério, apenas ele é reservado dos comentários por ser muito sagrado.

É bom que todos procurem se preparar, pois o nosso templo já não é mais um plano, mas uma realidade quase ao nosso alcance.

Algumas alas de nossa estaca já cumpriram sua quota e estão caminhando uma milha extra para colaborar com aquelas menos privilegiadas financeiramente, que ainda não chegaram lá. Estamos desenvolvendo, também, como meta prioritária ligada a esse plano o trabalho genealógico. Pretendemos estar com muitos dados genealógicos prontos para serem processados, tão logo o templo seja inaugurado. Contamos com pessoas especializadas e muito empenhadas nessa atividade.”

A estaca São Paulo, que tem cerca de 3 mil membros, foi recentemente dividida, dando origem à Estaca S. Paulo Norte, formada também com parte da estaca São Paulo Leste, que foi dividida nessa mesma ocasião, e tem nova meta para se dividir em 1979. Para tal ela conta com o firme empenho de sua liderança, que tenciosa obter, durante essa preparação, uma liderança forte e com número suficiente para que não haja sobrecarga para as alas, o que resultaria em dificuldade para seu progresso, na opinião de seu presidente, que tem agora um conselho útil aos bispos e presidentes de ramo: “— Tenha um secretário executivo excelente, porque ele é um homem valoroso que traz uma grande tranquilidade

de para o bispado”. Dá também um conselho igualmente útil a todos os jovens e adultos que pretendam realizar qualquer objetivo na vida. Este tem sido o segredo do seu sucesso: “— O primeiro passo é ser humilde, saber servir, ‘que o maior de todos seja o servo de todos’, saber ouvir, conhecer todos os aspectos do problema, depois ponderar. O segundo passo é conhecer profundamente todas as Escrituras, o que servirá de base para se tomar a decisão. O terceiro passo é tomar a decisão ou traçar uma meta e trabalhar incansavelmente por ela até que se consiga alcançá-la ou solucionar a questão. A humildade a que me refiro não é a humildade do covarde que se cala e foge diante do agressor ou da dificuldade. Esta não é a humildade do Senhor, a humildade dele é ser um servidor, é ser aquele que se cala para ouvir e ponderar sobre uma acusação ou uma discussão; depois, com bom senso e serenidade, esclarecer seu ponto de vista, desfazer os mal-entendidos e as falhas, tomando uma atitude de reconciliação, que não irá ofender o amor-próprio de ninguém. Sempre obtive resultados na vida através desse sistema, alcançando sempre minhas metas traçadas, pois elas são traçadas com serenidade e levadas avante com coragem, que me foram incentivadas por meus pais, que sempre tiveram alvos muito elevados na vida e se propuseram firmemente a alcançá-los.

“Testifico ainda a todos que o Evangelho é um conjunto de normas de conduta onde podemos encontrar conselhos, orientação e consolo para todas as facetas de nossa vida; ele é a fonte de todas as leis, emanadas do poder que vem do Pai, nas quais se baseiam todas as leis humanas. Se um homem cumpre todos os mandamentos do Evangelho, está automaticamente cumprindo as leis justas dos homens, e aquele que segue o Evangelho está fazendo, com certeza, a vontade de um Pai justo que não poupou o sacrifício de seu Filho Unigênito para nos preservar da dor da expiação. Esse é o testemunho que deixo em nome de Jesus Cristo Amém.

Estaca São Paulo Realiza sua 44.a Conferência Trimestral

Realizou-se no dia 8 de maio a quadragésima quarta conferência trimestral da estaca São Paulo, dirigida e presidida por Darci Corrêa, novo presidente designado, tendo a participação especial do coro da juventude que louvou ao Pai através de doces hinos.

O primeiro orador da manhã foi o Patriarca Benhur G. de Freitas que salientou serem os mórmons um povo bem intencionado, honesto e ordeiro. Suas características principais são o trabalho e a fé otimista. Seus principais inimigos, a irresponsabilidade e a preguiça. Ressaltou também que se nos mantermos na companhia do Senhor, herdaremos a sua promessa de que nos tornaremos deuses capazes de criar mundos sem fim e governá-los. Devemos lutar incansavelmente por essa promessa.

A segunda e terceira oradoras, irmãs Marlene A. Corrêa e Maria Luz B. Maldonado, dirigiram suas mensagens aos jovens. Alertaram os pais que eles são modelos para seus filhos e devem preocupar-se com esta grande responsabilidade, sendo modelos dignos e corretos para formarem cidadãos e santos honrados. Aconselharam os jovens a traçarem suas metas na vida e educarem seus espíritos através do jejum e oração para ouvirem os sussurros do Espírito Santo indicando o caminho a seguir.

Em seguida foram convidados a prestar seu testemunho, Rosana Silva e Luciano B. dos Santos, ambos participantes do coro.

Oswaldo Silva Camargo, primeiro conselheiro da estaca, foi o quarto orador. Aconselhou e incentivou a juventude a viver o Evangelho, que é a vontade do Senhor e o seu desígnio, ontem, hoje e sempre. Lembrou que ser pai é a primeira mordomia que o ser humano recebe do Senhor, que os pais só podem guiar os filhos quando estão dando exemplo daquilo que ensinam.



Presidente Darci Corrêa



Participação do coro da Estaca

Manoel Ricoy, segundo conselheiro da estaca, foi o orador seguinte e o tema do seu discurso foi o valor das adversidades. Lembrou que muitos santos fiéis têm sido provados através da adversidade, e que mesmo os profetas e o próprio Cristo, não ficaram isentos de sofrê-las. Os “momentos difíceis” da vida têm o objetivo de preparar o homem física, mental e espiritualmente e muitas vezes têm-nos dado sábios conselhos. Em algumas situações, a adversidade modifica o destino que traçamos para nós, con-

duzindo-nos para um caminho mais proveitoso e correto, além de servir também, para colocar em prova nossa fé em Deus.

O presidente Darci Corrêa, da Estaca São Paulo, encerrou a conferência como último orador, referindo-se ao canto como forma de adoração e louvor ao Senhor. Citou nas Escrituras, exortações para adorar ao Pai através de hinos.

Concluiu seu discurso recomendando a todos que decorem os seus hinos prediletos e através deles elevem seus pensamentos ao Altíssimo.

Firmes, Marchai!

Uma Preparação Necessária



ACOMPANHAMENTO SIMPLIFICADO PARA HINOS

Temos agora uma nova versão resumida de Hinos: Acompanhamento Simplificado (PBMU0224PO). Esta publicação contém arranjos simplificados de 110 hinos do hinário; alguns foram transpostos para tonalidades mais baixas, facilitando o canto. Esta versão simplificada não substitui o hinário, mas será de valiosa ajuda para os pianistas menos experientes.

Pode ser usada pelo pianista ou organista enquanto o coro ou a congregação usam o hinário padrão, cantando em uníssono ou em partes.

Também poderá ser utilizado nos lares. Esta versão resumida pode ser adquirida no Departamento de Tradução e Distribuição ao preço de Cr\$ 18,00.

Os títulos e textos do livreto são em inglês, mas um índice correspondente ao hinário em português está incluído gratuitamente nesta versão resumida.

Todos nós sabemos que houve uma pré-existência, onde vivíamos na presença de Nosso Pai Celestial; e que lá nós andávamos com Ele, sob um certo regime de leis e regras, que acabou, por fim, fazendo-nos ser dignos e preparados para vírmos a esta terra e ganharmos um corpo físico, e assim continuarmos nossa escalada à exaltação.

Hoje sabemos esta verdade muito superficialmente, pelo doce testemunho que o Espírito Santo estabeleceu em nosso coração, através de nosso estudo, jejum, oração e fé na palavra dos Profetas que Deus colocou nesta terra. Ainda contamos com a Luz de Cristo, que é dada a todo homem com o propósito de ser um alento e um sinal de advertência, para que não fiquemos perdidos e desolados completamente; isto é, ainda que tenhamos passado pelo véu do esquecimento, existe um fino elo que nos une à nossa pré-existência, que se torna mais claro quando procuramos viver dignamente, sempre buscando a companhia do Senhor.

Mas o que pretendo realmente é partilhar com aqueles que ainda não fizeram uma missão de tempo integral, uma certa analogia que me veio à mente, ao rever, num momento de meditação e oração, o que foram estes dois anos de missão; e para aqueles que ainda estão no campo ou aqueles que já concluíram uma missão de tempo integral, naturalmente meu apoio e incentivo para que continuemos nossa escalada de exaltação.

O que pude concluir é que estes dois anos foram em si mais uma "pré-existência", por assim dizer, onde vi-

vemos sob um regime de leis e regras, que eventualmente nos fizeram ser dignos e preparados para voltarmos ao mundo e continuarmos a obra. Só que agora existe uma grande diferença — não passamos por nenhum véu do esquecimento. Podemos, portanto, ter livre acesso à bagagem espiritual, ao conhecimento e experiências adquiridas nessa "pré-existência".

Sejamos, portanto, fiéis a esta preparação recebida, para que possamos realizar aquilo que o Senhor delega apenas a seus filhos obedientes. Parece que escrevo agora mais aos que fizeram uma missão de tempo integral. Mas, na verdade, escrevo àqueles que não fizeram uma missão, a fim de que possam se conscientizar de que sem uma "pré-existência" não pode haver vida e progresso no Reino de Deus.

Assim como eu sei que vive o meu Senhor, eu sei também que o Presidente Spencer W. Kimball é um Profeta que fala aquilo que o Senhor quer que os seus Santos ouçam. Eu sei que ele não está brincando ao dizer que os jovens devem-se preparar para uma missão de tempo integral e que devem FAZÊ-LA AGORA!

Por serem as bênçãos de uma missão extremamente pessoais, confio a vocês apenas meu sincero desejo de que descubram por si mesmos tais bênçãos. Em nome do Senhor Jesus Cristo, Amém.

(Elder Carlos A. Schibelsky, ex-missionário da Missão do Brasil São Paulo-Sul — abril de 1977.

PEQUENOS TALENTOS



“Ele é tão amável e gentil. É um privilégio estar com ele.”

“Toda a ala é abençoada por sua presença.”

“Sua freqüência (da Irmã Kimball) é de 100%. Se ela estiver na cidade, estará sempre presente às reuniões.

É uma professora visitante dedicada que possui um amor genuíno e preocupação por aqueles a quem é chamada a servir.”

“Fico impressionado pelo fato de ele ser o profeta de mais de três bilhões de pessoas, ser reconhecido como tal por três milhões e meio delas, e sempre ter tempo para visitar os doentes.”

“Ele sempre ora em favor de todos os membros da Igreja.”

(Ver artigo “A Vizinhança É Enriquecida pelo Profeta”, pag. 9)